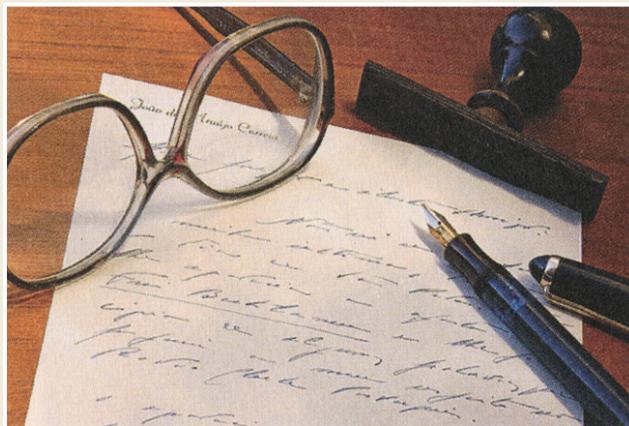


Vila Real nas Crónicas de João de Araújo Correia



Colecção *Tellus*
Câmara Municipal de Vila Real





Câmara Municipal
Presidente
Rui Jorge Cordeiro Gonçalves dos Santos
Vereadora da Cultura
Eugénia Margarida Coutinho da Silva Almeida

Grémio Literário Vila-Realense
Responsável
António Manuel Pires Cabral

Título: *Vila Real nas Crónicas de João de Araújo Correia*

Autor: João de Araújo Correia

(Seleção de textos, organização e introdução de Elísio Amaral Neves)

Na capa: Objectos pessoais de João de Araújo Correia, fotografia de António Pinto
Colecção *Tellus*, n.º 40

Edição: Grémio Literário Vila-Realense • **Câmara Municipal de Vila Real**

gremio.cm-vilareal.pt • cm-vilareal.pt

Vila Real, 16 de Março de 2019

Tiragem: 300 exemplares

A edição deste livro, no que respeita à obtenção dos textos, não teria sido possível sem a colaboração da Biblioteca Municipal Dr. Júlio Teixeira

Depósito Legal: 452850/19

Composto e impresso: Sodivir – Edições do Norte Lda.

Vila Real nas Crônicas de João de Araújo Correia



Introdução

Em 2006 iniciámos, no contexto da instalação do Grémio Literário Vila-Realense, o Ciclo ‘Os Contistas da Ruralidade Trasmontana e Alto-Duriense’, apresentado por A. M. Pires Cabral e Frederico Amaral Neves, com a pretensão de «dar a conhecer alguns dos nossos escritores, na sua vertente de autores de contos arrancados à realidade rural trasmontano-duriense» e, simultaneamente, quando possível, explorar a relação dos autores com Vila Real.

Este último propósito, de que fomos responsável, estava muito facilitado no que respeita ao médico e escritor João de Araújo Correia (Canelas do Douro, 1899 – Peso da Régua, 1985)¹, de quem conhecíamos diversos livros de crónicas, e justificava, para além da sessão a ele dedicada, uma publicação que coligisse as suas mais representativas crónicas sobre Vila Real, como Helena Gil fez, recentemente, em relação às Caldas do Moledo².

¹ Ciclo ‘Os Contistas de Ruralidade Trasmontana e Alto-Duriense’, João de Araújo Correia, 5 de Dezembro de 2006.

Outras acções realizadas pelo Grémio Literário Vila-Realense sobre João de Araújo Correia: Edição fac-similada do n.º 1 da Revista *Setentrião*, onde publicou o conto “O homem que queimou o dinheiro” (2009); foi tema de duas edições do ‘Dia das Letras Trasmontanas e Alto-Durienses’ (2010 e 2019); edição fac-similada de *Linguagem Médica Popular Usada no Alto Douro (Escorço)*, separata do *Boletim dos Hospitais*, da Santa Casa da Misericórdia do Porto, 1975 (2010); edição do *In Memoriam de João de Araújo Correia* (2010); publicados dois artigos na Revista *Tellus*, n.ºs 55 e 64, respectivamente “João de Araújo Correia e a Linguagem Popular”, de A. M. Pires Cabral (2011), e “*Casa Paterna* – Um caso singular da ficção de João de Araújo Correia”, de Hercília Agarez (2016); textos seus integraram sete antologias; Ciclo ‘Os Lugares de João de Araújo Correia’ (2018 –).

² *O meu Moledo – Crónicas de João de Araújo Correia*, Lema d’Origem – Editora, Ld.ª, 2016. Revisão, organização e introdução de Helena Gil.

«Criei-me no culto do género literário a que chamam crónica. Por ele subi ou desci a outra espécie de devoções ou devaneios de espírito. Mas, o meu fraco pela cronicazinha original, reflexo de personalidade clara, ficou-me para sempre. Fui criado com ele...»³

João de Araújo Correia afirmava-se essencialmente como cronista, independentemente de ser um dos maiores contistas da realidade duriense, cujo perfil literário é traçado por Manuel da Cruz Malpique, escritor e pedagogo e uma das personalidades que mais atenção dedicaram à obra do escritor: «Ninguém aí o suplanta, na vernaculidade da linguagem, na humanidade das personagens, na verdade das situações, na riqueza da observação psicológica, na comunicativa simplicidade.»⁴

Os contos, como as crónicas, mostram-nos um escritor acérrimo defensor da língua portuguesa e de uma linguagem genuína, correcta, pura, numa palavra, popular – como bem refere A. M. Pires Cabral na comunicação apresentada em 2010, no Encontro ‘Saber Trás-os-Montes’, dedicado à literatura trasmontana e alto-duriense⁵.

Simpatizava com determinados cronistas – João Chagas, Júlio Dantas, Carlos Malheiro Dias, Raul Brandão, Agostinho de Campos, Ricardo Jorge, Emídio de Oliveira, D. João de Castro, Campos Monteiro, Júlio Brandão, Guedes de Oliveira, João de Barros, Mayer Garção, Albino Forjaz de Sampaio e João Barreira⁶ –, e considerava que a crónica era tão importante para o jornal como «a notícia do último desastre»⁷.

3 João de Araújo Correia, “Vicissitudes da crónica”, in *Ecos do País*, Régua, 1969, p. 91.

4 Cruz Malpique, *Perfil Literário de João de Araújo Correia*, Régua, 1964, p. 194.

5 A. M. Pires Cabral, “João de Araújo Correia e a linguagem popular”, in *Revista Tellus*, n.º 55, Vila Real, 2011, pp. 5-15.

6 João de Araújo Correia, “Vicissitudes da crónica”, in *Ecos do País*, Régua, 1969, p. 92.

7 Op. cit., p. 93.

As crônicas vila-realenses de João de Araújo Correia⁸, mais de que respeitarem a paisagem, os costumes, as pessoas com importância e a população humilde da região trasmontano-duriense, são condicionadas por três factores: a sua condição de médico rural favorece a sua «... escrita. Fornece-lhe temas e, o que mais é, a observação da vida»⁹; o amor a Vila Real e ao Marão, que comunga com o pai; e o culto a Camilo Castelo Branco.

Citamos:

«[...] a mais simpática cidade que eu conheço.» (João de Araújo Correia, crónica XXIX, *Sem Método – Notas sertanejas*, Régua, 1938, p. 60.)

«Vila Real alegre... Em nenhum sítio do meu país o céu me parece mais alto, o ar mais fino e claro do que no velho Campo, hoje Avenida de Carvalho Araújo.» (João de Araújo Correia, crónica LII, *Sem Método – Notas sertanejas*, Régua, 1938, p. 145.)

«Conheço o Marão desde que me conheço. Nasci diante do seu vulto, quero que a sua presença me acompanhe até ao fim.» (João de Araújo Correia, “Em torno do Marão”, in *Horas Mortas*, Régua, 1968, p. 134.)

«Meu pai era doido por Vila Real.» (João de Araújo Correia, “Regresso a Vila Real”, in *Horas Mortas*, Régua, 1968, p. 186.)

«Herdei, de meu pai, o amor a Vila Real. Criei-me, com o meu pai, no amor a Vila Real.» (João de Araújo Correia, “Camilo em Vila Real”, in *Palavras fora da boca*, Régua, 1972, p. 137.)

⁸ Publicamos 29 crônicas e o texto de uma conferência, aproximadamente metade das que se referem a Vila Real.

⁹ Cruz Malpique, *Perfil Literário de João de Araújo Correia*, Régua, 1964, p. 198.

«Conheço Vila Real desde que vim ao mundo.» (João de Araújo Correia, “Camilo em Vila Real”, in *Palavras fora da boca*, Régua, 1972, p. 138.)

«Nasceram-me os olhos na vista de trás do cemitério, diante do Monte da Forca; no velho Campo; no Calvário; e, lá em baixo, na Rua dos Ferreiros e na ponte velha.» (João de Araújo Correia, “Camilo em Vila Real”, in *Palavras fora da boca*, Régua, 1972, p. 139.)

«Mas, a quem devo eu toda esta ciência e todo este amor? A meu saudoso pai, que me iniciou na devoção à velha vila. Se não fosse ele...» (João de Araújo Correia, “Camilo em Vila Real”, in *Palavras fora da boca*, Régua, 1972, p. 140.)

«Vaca e vitela de Vila Real tinham tanta fama como o[s] [pastéis de] toicinho-do-céu e os pastéis folhados [pastéis de Santa Clara ou viuvinhas].» (João de Araújo Correia, “Carne de açougue”, in *Nuvens singulares*, Régua, 1975, p. 116.)

«Quando passeio em Vila Real acompanha-me a sombra de Camilo adolescente, de esporas ruidosas nos pés lestos, crisálida do grande irrequieto de Seide, embrião daquele que só na morte encontrou paz.» (João de Araújo Correia, crónica LII, in *Sem Método – Notas sertanejas*, Régua, 1938, p. 145.)

João de Araújo Correia é um dos guardiões da nossa memória e as suas crónicas um auxiliar de que não podemos prescindir quando falamos na história de Vila Real: as comédias em Guiães; a inauguração do Dispensário Anti-Tuberculoso, no Pioledo; a Tia Fareleira, natural de Bisalhães, que vendia castanhas cozidas; o poeta Custódio José Duarte; o político e jornalista Adelino Samardã; o general Silveira; a memória das últimas amoreiras nas estradas de Lamego, na do Rodo e na de Vila Real; os alquiladores do início do

século XX; os hotéis Tocaio e do Zé Garoto (hotel Mondego); a casa de Camilo em Vilarinho da Samardã; o Padre Luís Castelo Branco; o Marão; a Póvoa de Varzim, praia de todos os trasmontanos; a caça e os caçadores; a Feira de Santo António e as suas diversões – os cavalos, os morangos, os rebuçados e «os doces de mãos de anéis», a vitela e o vinho das barracas, o homem da roleta, a “giganta espanhola”; Camilo, Camilo e mais Camilo.

Terminamos, recordando que João de Araújo Correia, como muitos outros escritores, era contrário à ideia de «que a prosa lançada ao periódico deve morrer no periódico»¹⁰, já que, se não tivesse reunido em livro as suas crónicas, ter-se-iam perdido algumas obras-primas.

Elísio Amaral Neves

¹⁰ João de Araújo Correia, “Vicissitudes da crónica”, in *Ecos do País*, Régua, 1969, p. 93.

VIII [Os pauliteiros de Miranda...]

Os pauliteiros de Miranda...

Vi-os há três anos em Vila Real percorrer de cabo a rabo, com pompa hierática, o jardim da Carreira, durante um arraial da feira de Santo António. Mal precatado eu, que os não conhecia, pareceram-me, pela gaita de foles, as boas cores da cara escanhoadada, o alvo das camisas, ranchada de galegos. Calados como cartuxos, subiram ao palanque onde exibiram o seu interminável batuque, admirável pelo movediço do ritmo e pela quietude das máscaras sacerdotais dos bailarinos. Dança guerreira ou litúrgica? Sabe-se lá! Sobrevivência de remotos tempos em que monge e guerreiro se baralham.

Para sabermos que têm valor os pauliteiros foi preciso que um inglês os admirasse e os levasse até Londres. Ao Douro devia Deus deparar outro inglês que visse dançar a chula aos de Barqueiros e os conduzisse ao certame de Albert Hall. Bailado do país do vinho fino... ¿que transcendente missão não seria a dos arrais na terra enevoadada onde a quinta-essência do *porto* encontrou a forma do seu pé, gôsto e alma que a percebessem e assimilassem?

Mais eloquente que a voz dos diplomatas, revelaria a chula ao britânico a angústia da produção do néctar duriense, a heroicidade dos lavradores pequenos, os gemidos das espadelas dos nossos barcos, a cor vermelha do nosso rio.

Sem Método – Notas Sertanejas, Régua, 1938, pp. 21-22.

XXVI [Todos os caminhos iam dar à fonte]

Almocreves com besta de aluguer havia dois em Canelas: o tio Constâncio e o tio Zé Panelheiro. Lavradores e fidalgos tinham as cavelarices cheias. Guardo ainda nos tímpanos o assobio com que paquetes e moços exortavam o gado a beber no tanque público, à luz do entardecer. Todos os caminhos iam dar à fonte: a Picota, a Lameira, o Condado e o Miradoiro. Vejo ainda, a correr por essas veredas, montados em pêlo, os animais de raça e os animalejos de carga. Enquanto não escurecia ou a lua não desabrochava, miravam-se na água do bebedeiro os olhos dos cavalos cansados e as pupilas das horsas esquisitas. Cheirava a mentastros a terra húmida...

Veio a gasolina. Calou-se o assobio dos cavaliários. A fonte, ao agonizar do dia, chora. A terra está empapada de óleos fétidos. Arquejam os motores. Engasgam-se as sereias. Traquejam-se as motas. As festas de Vila Real eram propriamente uma feira. Feira de gado. Em redor do Campo todo o santo dia se espotricavam burros. Admirava-se o passo travado das éguas, cómodo para botar a longas jornadas. Os abades velhinhos, receosos de abalar para o céu por intermédio de queda ou coice, contentavam-se com fazenda à toa, mediante a condição de não ser brava — jumenta que não mexesse as orelhas, sendeiro que não bulisse um pé sem licença do ordinário e eclesiástico. Os marialvas... só trazendo a melhoria da feira dormiam sossegados. Os lavradores pequenos servia-lhes para o seu arranjo cavalicoque cheio de alifafes, o serro ulcerado de mataduras — tem bô perigo, curam-se com manteiga sem sal.

À noite, com os pulmões cheios de bom ar e os buchos de bom vinho, as tribos debandavam.

Hoje, as festas de Santo António são ainda feira. Mas... feira de automóveis. Competição de marcas. Concurso de velocidades.

À noite, os corredores, em mangas de camisa, ainda alucinados, bebem champanhe, falam calão, gíngam.

Sem Método – Notas Sertanejas, Régua, 1938, pp. 63-64.

XXIX [O barbeiro afdalgou-se]

Os barbeiros antigamente eram palheiros. Agora são silenciosos como as máquinas Singer quando estão paradas. O barbeiro afdalgou-se. Com lume no olho, observa o freguês desconhecido, estuda-lhe o sistema capilar pobre ou rico. Espreita de soslaio a cova-dos-ladrões, verifica se a coroa do cliente é dobrada ou singela, inspecciona as bossas cranianas do sujeito com pachorra antropológica, digna do doutor Mendes Correia. Analisa-lhe os correres da barba, cheira-o, barbeia-o, penteia-o quase sem lhe tocar. Elegante homem. No tempo em que era mestre, metia o seixo roboludo na boca do freguês desdentado para lhe distender a pele encorreada da face. A pesar de semelhante precaução, lanhava-o todo, punha-o um mártir de Marrocos com a navalha derrancada. Em volta da cadeira do sacrifício miavam gatos, para os quais não havia dias de jejum. Às quartas e sábados principalmente os felinos abusavam da carne palpitante dos escanhoados, dando rédea solta à sanha milenária. E tinham desculpa, que o doutor Amílcar de Sousa, São Paulo entre nós do Naturismo, não havia enxergado ainda na estrada de Damasco o sinal de arremeter contra o bife, o torresmo, a almôndega, o lombo de vinha-de-alhos, o paio, o anho, o capão, tudo que era gostoso, inocente ou substancial, no dizer dos nossos avós. Isto, no tempo em que o barbeiro era mestre. Hoje, que se contenta com o título de patrão ou chefe, o barbeiro é um artista e um *gentleman*. À loquela proverbial substituiu os periódicos. Espalha-os de cima duma mesa. O freguês amigo de novidades que os leia. Cavaqueador reduzido, assim faço em terra estranha. Entro numa barbearia e leio os jornais indígenas. Desta arte fico a conhecer por alto o carácter da povoação onde me encontro.

No último domingo, numa barbearia de Vila Real, a mais simpática cidade que eu conheço, lendo as gazetas locais, esperei a minha vez. Numa das folhas topei duas linhas sumidas, esganadas, fonas, que muito me interessaram. Era a notícia da inauguração, nesse dia, do dispensário distrital anti-tuberculoso. Estou convencido de que outro qualquer sucesso comezinho — cabo de ordens de parto ou empanturrado, por exemplo — provocaria à nossa gazeta um artigo de fundo retumbante. O dispensário não: duas linhas e bem haja.

Fui ver. De braço dado com o meu afável colega António Feliciano, na companhia inestimável do nosso jovem confrade Francisco de Mesquita Montes, entrei no Largo do Pioledo. Entre árvores — umas velhotas que agasalharam debaixo dos seus braços alados muita soma de gado — bruxoleava uma casa alpendrada, de cor meiga, que dizia: vinde cá. Entrámos. Eu fiquei espantado com o que vi dentro. Colorido alegre. Luz. Belos móveis de ferro e de vidro, tão lindos e tão higiénicos, que podiam considerar-se mobília científica e artística. Aparelhos e reagentes. Tudo o que é preciso para diagnosticar ao cedo, com todo o rigor, a tuberculose.

Despedi-me do doutor Feliciano com um abraço amargurado. É que me lembrei desta desventurada terra chamada Régua, tão desinfeliz que nem água tem para beber. Que não tem uma escola. Que não tem um hospital. Que, tirante os bombeiros, não tem coisa nenhuma útil ao comum. Para maior desgosto, pessoa fidedigna informou-me de que bastaria um auxílio de vinte contos oferecido à A. N. T. para obter a Régua um dispensário. Que diabo são vinte contos? Vinte contos gastam-se em vinte foguetes de lágrimas erguidos ao céu em louvor da Virgem do Socorro.

Sem Método – Notas Sertanejas, Régua, 1938, pp. 69-71.

LII [Vila Real alegre...]

Vila Real alegre... Em nenhum sítio do meu país o céu me parece mais alto, o ar mais fino e claro do que no velho Campo, hoje Avenida de Carvalho Araújo.



Quando passeio em Vila Real acompanha-me a sombra de Camilo adolescente, de esporas ruidosas nos pés lestos, crisálida do grande irrequieto de Seide, embrião daquele que só na morte encontrou paz.



No Campo havia um chafariz onde as mulheres da vila enchiam cântaros de água cantante. Mudaram-no para lugar escuso. Que pena! O Campo é hoje um poema de claridades incompleto.



A vista de trás do Cemitério é um escorço da obra camiliana: sepulcros, abismos, rocha adoçada apenas de tonalidade saudosa nos longes esfumados. O Monte da Forca!... Dois fios de água, românticos como dois cabelos guardados num escrínio eterno... Paisagem de paixão...



Vila Real, cingida num anel de pedra, estampa cuja cercadura parece ter sido debuxada por Doré, é uma terra viva, de uma alegria lúcida, irmã do olhar das aves das alturas.



Vozes femininas de Vila Real... Gomis de água pura entornada sobre chagas... Lanças coroadas de rosas... Cristais que revelam e defendem almas...

Sem Método – Notas Sertanejas, Régua, 1938, pp. 145-146.

Noites de Verão

Noite quente como esta... Eu estava a férias na minha aldeia. Era mais novo do que sou hoje... Tinha dezasseis anos. Mal acabei de cear com os meus pais, saí à rua para dar um passeio antes de me deitar. Passei por casa dum parente meu, homem de dias, mas amigo de extravagâncias, e disse-me ele assim:

— Olhe, são hoje as *comédias* em Guiães. Se lá quiser ir, eu acompanho-o...

Pedia o guloso para o desejoso. Eu disse-lhe que sim, que ia, se os meus pais me deixassem.

Era ainda cedo. Sobre o Marão, havia restos de luz. Os dentes da serra, àquela hora vestida com túnica roxa, recortavam-se em céu afogueado. O escuro da noite apenas tinha avassalado os vales, e nós vivíamos num planalto. Era lusco-fusco.

— Vamos?

— Vamos. É só pedir licença. Vou a casa e volto.

— Não precisa de correr muito. Daqui a Guiães é longe, mas... *aquilo* começa tarde.

Andarilho como sempre fui, nada me custou romper a boa dúzia de quilómetros que iam da minha aldeia a Guiães. O meu parente, coitado, suou para me acompanhar.

Chegámos a tempo. Era noite fechada, mas as *comédias* ainda não tinham principiado. Uma banda de música, sentada em bancos, procurava calmar, bufando em trompas, a impaciência do gentio que acolava o rossio da aldeia.

— Corra o *farrapo*!

O *farrapo* era o pano de boca do teatro. Os músicos bufavam, mas ele não corria. Esperava-se que os *comparsas* se vestissem e que as varandas, em redor do largo, se enchessem de *senhorame*.

Explicava isto quem saía da caixa e era assediado de perguntas abruptas. A plateia estava ansiosa.

— Rais parta o diabo! Quando é que isso começa?

Um velho gordo, rubicundo, com uma corrente de ouro cruzada no ventre, riu-se com o lábio grosso e recomendou:

— Aviai-vos com isso, que quero ir regar.

A *plateia*, parte sentada em bancos e cadeiras, parte de pé, estava fula. Um homem alto, negro, magro, espumante, com a voz mais alta do que ele, deitava o seu berro por cima das cabeças:

— Corra o *farrapo*!

A música, bufa que bufa, não conseguia calmar tamanha ansiedade. Cansava-se e não o conseguia. Parava de bufar — e era pior. O homem alto subia às estrelas e intimava:

— Toque música!

— Toque música!, ecoavam as gargantas de gente de pé e gente sentada.

A música tocava. Primeiro, frouxa. Depois, zangada, frenética, rompente. Então o homem alto, com duas manámulas pretas e compridas, semelhantes a duas pás de barco chamuscadas, comandava os aplausos. Dava palmas e berrava:

— Aí, filhos de boa mãe!

A música era de Covelinhas. Ou a música ou o berrador ou ambas as duas ruidosas coisas. Não cheguei a apurar este pormenor estentoroso. Sei que o homem alto, de mãos compridas e negras como dois remos de barco chamuscados, *torcia* por Covelinhas.

— Viva Covelinhas!

O palco, erecto no ar livre, com gasómetros presos às esquinas, dava para o largo — o principal largo da terra. Não havia assento para todos os espectadores. A maioria estava de pé, com as mãos livres para palmear. Era a *mó* pedestre. Tinha o feitio de uma ferradura grossa e quase abarcava, em sua concavidade, o povilêu sentado. Sobre estas duas ordens de cabeças, começaram a pender cachos de

bustos finos debruçados das varandas e pátios do casario vizinho. Eram as senhoras, as meninas, o lavradorio rico e a fidalguia. Se os actores estivessem já caracterizados, podia correr o *farrapo*.

— Corra o *farrapo*!

O *farrapo* correu, o palco declamou; todavia, daí a breves cenas, ainda o drama estava em cueiros, a massa dos espectadores deitou a fugir, gritando:

— São os Martas!

Ouvi tiroteio como numa guerra, mas não vi quem dava os tiros. Os Martas eram invisíveis, mas presentes. O povo gritava:

— São os Martas!

Gente de pé e gente sentada desertou do largo. Os Martas, bandidos de Chicago, vinham fazer das suas. O tiroteio era infernal. Todavia, como nas fitas, improdutivo... No terreiro ermo, não vi pinta de sangue. Deixei-me estar sentado, com o meu parente, nas cadeiras que uma prestável mulher nos tinha oferecido.

O tiroteio era intermitente. Durante os armistícios, o espectáculo continuava. Contudo, não me foi possível seguir o enredo do *drama*. Cheguei a confundir os Martas com os personagens da peça. O tiroteio, embora periódico, metia medo. O que valeu foi ser inofensivo.

Por ocasião de uma das fugas, caiu-me aos pés uma mulher. Pensei que estivesse morta. Ergui-a do chão e vi que era uma grávida intacta e viva. Em vez de me agradecer, olhou para mim e disse: — São os Martas!

Num dos intervalos da fuzilaria, veio ter comigo um homem alto, novo, com um bigodito, e convidou-me, a mim e ao meu parente, para irmos a casa dele descansar, beber um refresco, e ver de lá o resto da função. Esse rapaz, que eu mal conhecia, era médico. Morreu, pouco depois, em África.

Aceitei o convite do doutor. A casa dele era um camarote de primeira ordem para ver o teatro. Tinha um mirante escancarado

para o largo e até fronteiro ao palco. Um regalo... Mal me ali sentei, acabou a guerra como por encanto. Os Martas acomodaram-se. Deixaram representar de fio a pavio a comediuzinha escolhida para fim de festa — um idílio de aldeia engraçado ao abrir de uma manhã. Os Martas, por emulação, embirravam com *dramas*. Não consentiam que ninguém lhes usurpasse o direito de afligir o povo. Se era *comédia*, fechavam os olhos.

De madrugada, regressámos à nossa aldeia. O sol nascente rasava o planalto com agulhas doiradas.

Três Meses de Inferno, 2.^a Edição, Lisboa, 1983, pp. 169-172. [1.^a Edição, 1947]

Recordações de barro – Noite sagrada

Meu pai, quando ia a Vila Real, hospedava-se no *Zé Garoto*. Quero dizer que se hospedava no *Hotel Mondego*, propriedade de José Liberato, por alcunha o *Zé Garoto*.

Meu pai tratava-o por tu. Conhecia-o do tempo em que o vira na Régua, ou em Vila Real, apregoando e vendendo os jornais do Porto. Daí lhe provinha o apelido, que nada tem de desonroso. José Liberato foi ardina, mas chegou a ser dono de hotel. Se fosse na América, viria a ser ministro, grande inventor ou grande *trustman*. Em Portugal, se saiu da *cepa torta*, endireitou-a apenas como hoteleiro.

Talvez não soubesse ler. Mas, tolo não era. Rude, sim... No entanto, polvilhava a rudeza de sal vila-realense, tornando-a útil como espadim na luta pela vida. Terçava menos mal com gente fina, provocando-lhe o riso com o disparatado enxerto de palavras cultas no fraseado vulgar.

Trazia os hóspedes contentes, conversando com eles, por entre as mesas, à hora das comidas. Era entretenimento de oficiais do 13, burocratas e algum passante.

Naquela manhã tinha comprado um *cóngaro*. Contava, a respeito do *cóngaro*, outras ocorrências. Mas, se o capitão Guerra, por exemplo, lhe ia à mão, para tirar palhinha, replicava:

— Ó senhor capitão, deixe-me, que eu hoje ando muito *agrícola*.

Agrícola era o enxerto mal espetado no padrão da sua fala. Mas, produzia efeito...

Meu pai, como disse, hospedava-se no *Zé Garoto*. Se preferisse outro hospedeiro, mataria de desgosto o antigo vendedor do *Comércio*, *Janeiro* e *Notícias*. Meu pai, onde está, pagaria por elo.

Proclamou-se a República. Meu pai saiu administrador do concelho da Régua. Em Vila Real, saiu governador o Samardã, cego de um olho. De modo que meu pai, de vez em quando, ia a Vila Real prestar-lhe contas... políticas.

O pior é que teve de lá ir, certa feita, em véspera de Natal — noite de Consoada.

Grande força tem a Política para desviar de sua casa um chefe de família numa noite augusta — como lhe chamava o meu livro de instrução primária.

Certo é que meu pai, com grande desgosto de mulher e filhos, não ceou connosco. Tivemos que cear sozinhos, olhando uns para os outros como se o pai tivesse morrido.

Apareceu no dia seguinte. Mas, ao contrário do que se esperava, não vinha arreliado. Vinha bem disposto.

— Ceei com o *Zé Garoto*. Ele e a família, sem hóspedes nesta ocasião, trataram-me com muito mimo. Receberam-me como parente que vem de longe bater à porta em noite de Natal. Deram-me boa couve, bom bacalhau e belas rabanadas. Deitaram-me na melhor cama. E, de graça... Perguntei quanto era, diz-me o *Zé Garoto*: nada, senhor Correia. Quem sai de casa numa noite destas...

Uma noite destas, em Trás-os-Montes, é uma noite sagrada.

Dezembro — 1958.

Manta de Farrapos, Régua, 1962, pp. 161-164.

Praia de trasmontanos

Quer então o meu amigo¹ duas palavras minhas a respeito da Póvoa de Varzim. É o mesmo que pedir dois bravos de Esmolfe a um pilriteiro.

Se eu conhecesse a Póvoa de Varzim, de mil amores... Em vez de duas palavras, podia o meu amigo contar com duas mil palavras. Seriam poucas para quem conhecesse a Póvoa de Varzim.

Conhecer uma terra é possuí-la como quem possui mulher fina. É adormecer e acordar com ela. É surpreender-lhe silêncios e olhares reveladores. É ouvi-la, porque a voz, como dizia o outro, é a alma a falar. Concordo com o asserto se for voz desprevenida como relâmpago em firmamento escuro.

Dormi na Póvoa duas ou três noites, mas, com intervalos tão longos como vidas. Como quer o meu amigo que eu conheça a Póvoa?

Numa das minhas peregrinações, não há grandes anos, anoiteceu-me lá. Mas, que noite! Chovia, enegrecia e ventava a ponto de o céu, a terra e o mar serem indistintos como fábulas sem La Fontaine. Verdade, verdade, era eu encontrar-me ali, naquele caos daquele Inverno. Se me dissessem que, meses antes, aquilo era a Póvoa, repleta de província estendida na praia, não acreditaria. Aquilo não era a Póvoa. Era a noite, noite antiga, noite de conto popular sem luz acesa de candeia ao longe.

Pedi que me indicassem pousada. O homem interrogado olhou para mim como quem olha para um zero. Olhou para mim? Não digo bem. Olhou para uma camisola que me afogava o peito. Boa camisola, feita de pura lã, deu-lhe má nota de mim. Mal sabia o

¹ — O Dr. Flávio Gonçalves, hoje professor da Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

bruto que espécie de gravata eu trazia por baixo da camisola. Basta dizer-se que era uma gravata nova.

— Tem a pensão tal, a pensão tal e a pensão tal. E tem também o Palace, que está aberto. Mas, vossemecê não vai para o Palace.

— Para o Palace é que eu vou.

— Com essa camisola?

— Com esta camisola.

Pobre camisola! Foi o meu salvo-conduto para entrar no Palace. Os criados fizeram-lhe zumbaias. Na sala de jantar, o dono do hotel olhou para ela com simpatia. Era um grande senhor. No fim da refeição, acendeu um charuto que faria crescer água na boca a qualquer Churchill. Também a senhora, durante a refeição, iluminou a sala com um anel de brilhante. Que pedra! Derramava uma luz líquida. Pasmei de não ver molhada a toalha.

A Póvoa diurna vi-a por alto, com o *japão* que lá aparecia, no meu tempo de estudante, em domingo destinado a uma *japonice*. A qual consistia em ir até à praia, ver a província ciente de que bebia iodo. Era feliz, porque o bebia e se distraía, olhando para os nabais do ar e brincando, de vez em quando, com pitadinhas de areia. Haverá pascacice mais santa que a pascacice da praia? Não há. Aquilo é a província cansada a retemperar-se no elemento donde saiu há milhões de anos. É um regresso ao paraíso.

À noite, antes do último comboio, o *japão* ia ao Café Chinês despedir-se da Póvoa. Mas, o Café não era só Café. Era, cá fora, a rua apinhada de povo compacto e variegado. No meio desse povo é que eu vi, na face de dois minhotos, irmãos gémeos, dois bigodes compridos e grossos como gaitas. Dariam, se quisessem, volta ao mundo. Mas, na ocasião, estavam ali quietos, solenes, desvanecidos, ridentes como pânpanos de vinha enforcada. Representavam o Minho.

Encontrei-me, uma vez, em A Ver-o-Mar, à porta de um moinho de vento. Quis conversar com o moleiro, mas, não pude. Não nos entendíamos. Nem ele falava firme como a minha terra, nem eu

falava movediço como as asas do seu moinho. Lá o deixei à porta, coberto de farinha e de cisma.

O meu amigo não crê que eu tenha ido a pé do Porto à Póvoa. Fui... Passante meio caminho, falou comigo uma velhinha, que andava a pedir esmola.

— Tu donde vens? — perguntou.

— Do Porto — respondi como quem se confessa.

— Do Porto? Vens por lá de Modivas.

Tu és de Modivas.

— Sou do Porto.

— Então, filho, és alfaiate. Vens esticar as pernas.

Sem ser alfaiate, estiquei as pernas por aí fora, a caminho da Póvoa.

Ao aproximar-me de Vila do Conde, vi que havia coisa na estação do caminho de ferro. O comboio tinha partido e, a poucos metros da gare, tinha estacado. Ouvi gritos. Fui ver. Tinha acontecido uma desgraça. O filho do chefe, querendo subir ao trem, com o trem em movimento, foi atropelado. Morreu.

Verificou o óbito daquele moço o meu professor de Medicina Legal, o Dr. Lourenço Gomes, que tinha perto uma quinta. Sem olhar para mim, sem me dar palavra, deu-me uma grande lição, verificando, um por um, os sinais de morte em cadáver tão fresco. Lavou as mãos numa bacia humilde e despediu-se sem chus nem bus. Nem sequer me disse: adeus, ó coiso. Tinha razão. Era lente. E eu era aluno, isto é, não era ninguém. Era um animal rastejante no caminho da Póvoa ou, quando muito, um maluquinho, que andava a encher os olhos de paisagem viva e de lições inesquecíveis.

Já vê o meu amigo que lhe dou alguma prova do meu comprido passeio.

Que mais lhe direi sobre a Póvoa? Pouco mais. Dir-lhe-ei apenas que já a tinha visto antes de lá ir, pela primeira vez, naquele comboio frágil, que partia da Boavista, no Porto, passava à Senhora da Hora

e à vista dos 7500 do Mindelo.

Vi a Póvoa, em poesia, durante a minha infância. Minha mãe contava-me por miúdo, como se revivesse épocas balneares da sua mocidade. Ia lá, em solteira, com os irmãos mais novos, que lhe obedeciam como filhos. Minha avó tinha morrido nova. Meu avô, depois de viúvo, confiava em minha mãe como em si próprio. Mais do que em si próprio. Com ela se aconselhava como se fosse mulher feita. Era, desde criança, a inteligência, o senso, a graça, o tacto personificados.

Minha mãe descrevia-me, com todos os tiques, a festa de Nossa Senhora da Assunção, os costumes e falas dos banheiros, as missas rezadas a um tempo em todos os altares de todas as igrejas. Os padres, é modo de dizer, eram mais que os cristãos. Havia-os de todos os feitios. Um, demasiado simples, ameaçou de penas inconcebíveis o gatuno de uma *xaia*, desaparecida do quintal de uma *xenhora*. Disse, muito zangado: «Quem quiser *xaias... compe-as!*»

Vi a Póvoa em minha mãe na minha meninice. Também a vi nos olhos de pessoas gradas do meu sítio, gente que se enamorou da Póvoa e ali se fixou até morrer. Gosto daquela terra — diziam.

O sertanejo anseia pelo ar salgado. O marítimo é incapaz de viver na montanha. Eu, que nasci entre montes, fazem parte de mim, vou até ao mar buscar soro para as minhas veias. Não era Diogo Cão vila-realense? O mar é português.

Pensa Ramalho que a Póvoa, no Verão, é o caravansarai dos habitantes do Minho. Perdão, Ramalho! A Póvoa é também *rendez-vous* de trasmontanos. Sonham com ela e, às vezes, lá ficam. A Póvoa é praia do Norte.

Aqui tem, meu amigo, as minhas duas palavras. São fracas, mas, dadas de boa mente. Desculpará.

Boletim Cultural, Póvoa de Varzim, 1964.

Passos Perdidos, Lisboa, 1967, pp. 151-157.

Camilo em Trás-os-Montes

Sempre que vou por aí acima, da Régua até Chaves, todos os lugares me falam de Camilo. Uns mais, outros menos, todos foram tocados pela sua *caneta de dez réis* — consubstanciada com a sua alma.

Nas *Memórias do Cárcere*, figura a Régua, com a sua estalagem e o velho fidalgo empobrecido, lidador inglório da Pátria e da liberdade, sempre a rabiscar papelada forense, na ânsia de resgatar propriedades arreadas da sua posse. Quem seria este velho? Bastou-lhe visitar o escritor para sobressair como gigante, feito de desgraça eivada de ridículo — a pior de todas. Apetece exumá-lo do cemitério da Régua.

Nas *Memórias do Cárcere*, também fulge Lobrigos, freguesia que pesava a oiro o seu abade. Fazia dele um príncipe. Dava-lhe liteira e abeberava-o de precioso vinho. Ser abade de Lobrigos, *in illo tempore*, era ser duque ou grão-duque. Valia a pena.

Em Santa Marta de Penaguião, continua aberta, como farmácia, a botica de que fala Camilo nas *Memórias do Cárcere*. Aí jogou o voltarete, pela última vez, o Dr. Seixas. Retirou-se às dez da noite para ser assassinado à porta de sua casa.

No preâmbulo das *Memórias do Cárcere*, livro espantoso como leva de galerianos pintados sem retoque de pincel convencionalista, Camilo aparece em Vila Real, terra de seu pai e, como diz, sua primeira paragem depois que a orfandade, com a sua escolta de infortúnios, começou a andar com ele de inferno em inferno. De Vila Real, vai à Samardã, onde, em criança, pastoreou o gado da família e donde se esgueirava para ir à taberna do Mesio jogar a bisca com os carvoeiros. A bisca e a bordoada... Esta bisca e esta bordoada, em rapaz de treze ou catorze anos, devem ser fantasia de escritor

adulto. Mas, bem de acordo com o buliçoso espírito camiliano. Seja como for, bisca e bordoada vivem na dedicatória do *Bem* e o *Mal* ao Padre António de Azevedo, concunhado do escritor e seu mestre de letras e religião.

Na Samardã, amou Camilo uma Luísa, *flor de entre as fragas*, e a Maria do Adro, moça doentia. Se alguma o amou, não sei. Aquilino Ribeiro nega a Camilo a graça de ser amado. Diz que era feio... Ó homens feios, por quem as mulheres se matam, que dizeis a isto?

Vai-se por aí acima, até Vila Pouca, pensando que o *descampado vale de Aguiar* é camiliano. É-o na *Via Sacra*, romance incompleto, e naquele perfeito conto dos *Casamentos Felizes*, o que nos fala do virtuoso Padre João de Pensalves e do alegre pai do sacerdote, o velho tio Bento, que fora soldado de Napoleão.

Tourencim ou Tourencinho? Camilo diz Tourencim. O caminho de ferro, que lhe passa ao pé, diz Tourencinho. Seja como for, tanto é camiliano Tourencim como Tourencinho. Procure-se o topónimo nas obras de Camilo.

Vidago e cercanias falam do escritor. Segredam-nos a vida aventureira de D. João, encarnado no morgado de Faiões. Protagonista do *Esqueleto*, morre arcabuzado na mina em que se refugiara. Aí se reduz a ossos descarnados, provando que D. João, depois de mil amores, pode morrer de mil maneiras.

O *Esqueleto*, romance de Camilo, é Chaves passional, pintura interior como toda a pintura de Camilo. Quem sair de Chaves para peregrinar em terras de Bragança, outros painéis, do mesmo teor, se lhe deparam. Desde a capital do distrito à mata do Reboredo, tudo é camiliano. Em Caçarelhos, ainda lê bacamartes e usa calças de alçapão, antes de se despenhar, o imaculado Calisto Elói de Silos e Benevides de Barbuda. Que nome!

Se transpusermos, no distrito de Vila Real, a serra do Alvão, caímos em Ribeira de Pena, terra onde Camilo, dos dezasseis aos dezoito anos, viveu o equivalente a vinte anos de vida ordinária.

Pandegou, namorou, casou, estudou e intrigou. Mas, fez mais... Observou o ambiente, subiu e desceu montanhas, caçou factos vivos que lhe serviram, durante a vida literária, como sementes de efabulações. Vamos encontrá-los, desenvolvidos, ao longo de uma obra portentosa.

Fui no último Abril, mais uma vez, a Ribeira de Pena. Por mão do meu colega e amigo Dr. Mário de Meneses, que ali aportou como clínico há dezenas de anos, dei volta ao agro camiliano de aquém e além do Tâmega. Mais uma vez me confrangeu o actual aspecto de Friúme, terra abandonada, se é certo que foi terra próspera, no tempo em que por lá passava uma estrada real, tinha boticário e tabelião. Tão próspera, que atraiu de Gondomar um alfaiate para o estabelecer como comerciante. Acenou a Sebastião Martins do Santos, que veio a ser sogro de Camilo. O órfão, baldeado de Lisboa a Vila Real e de Vila Real à Samardã, foi atraído a Friúme por sua prima carnal Maria do Loreto, senhora extravagante, ali casada com o proprietário Moreira. A casa dele, com uma alta camélia no quinteiro e dois leões de cerâmica assanhada, é uma nova-rica entre vizinhas pobres. Destoa, pela vidraçaria, das negrinhas vivendas de Friúme.

Boa terra, à vista de Friúme, é Santo Aleixo, do outro lado do rio. Tem moradias de gente privilegiada. Casas e quintas revêem fartura e civilização.

Foi de Santo Aleixo que desceu ao rio, em hora descomunal, a infeliz Josefa, mãe de Maria Moisés, santa heroína de imorredora novela de Camilo.

O escritor levou de Trás-os-Montes forragem literária para toda a vida. Levou, sobretudo, a índole trasmontana familiar retemperada na Samardã e em Friúme.

Camilo, caso peninsular acontecido em Trás-os-Montes... Não o dulcificou a paisagem do Minho, nem Lisboa, onde nasceu, o amimou. É trasmontano como as serras sobranceiras ao *descampado Vale de Aguiar*.

A terra trasmontana é, toda ela, um alto sítio camiliano. Mal pode compreender-se Camilo sem a visitar. Mas, que não seja visita a voo de passarinho. É preciso jornadasear em Trás-os-Montes, com a lentidão dos velhos almocreves, para perceber Trás-os-Montes e perceber Camilo.

5-6-65

Horas Mortas, Régua, 1968, pp. 67-71.

Em torno do Marão

O grande escritor Aquilino Ribeiro, comparando o Marão com a serra da Estrela, considerou-o feio... Falta-me saber se também o considerou incapaz de ser amado. Se era feio, não haveria alma que o quisesse. Cumpriria o destino de Camilo — na hipótese aquiliniana.

Feio o Marão? Mas, a alma de Pascoaes casou com ele. Também a minha se casaria assim se me fosse possível perturbar núpcias sublimes. À minguia de tamanha intimidade, cifro o meu amor em adoração. Assim tenho feito e assim farei até o dia do apartamento. Será aquele em que deixe de ver a minha serra.

Feio o Marão? Não sei porquê. Não há serra que mais serra pareça quando se vê de perto. Pode abranger-se numa só mirada e levar-se para casa, como jóia, no saco da retina. É uma serra caseira sem deixar de ser altiva. Dá confiança e até conversa connosco sem permitir familiaridade. Se não obriga a dobrar o joelho, obriga a falar-lhe com respeito, isto é, de baixo para cima.

As outras serras, não... Quando se procuram, por mais altas que sejam, deixam de ser serras. Parecem planícies conquistadas. Somos tu cá, tu lá, com elas.

Se o Marão é feio, vou ali e já venho... Quem nunca o viu nem percorreu, quem o não conhece à luz do dia ou da lua, nem ao amanhecer, nem ao entardecer, julgue-o como quiser, que a sua voz não chegará ao céu.

Eu é que conheço o Marão — como diria Camilo. *Eu é que conheço a Samardã* — lembram-se? Conheço o Marão desde que me conheço. Nasci diante do seu vulto, quero que a sua presença me acompanhe até o fim. Para o ver, saio de casa e meto-me a caminho. A poucos passos do Peso, bairro alto da vila em que trabalho, já o descortino. Sobressai, vestido de azul, das vinhas que o cercam.

Esbate-se à luz diurna. Mas, à tardinha, a sua cumeada é um nítido desenho. É a figura de um morto colossal, guerreiro de alta estirpe, talvez o rei da montanha reclinado no seu último sono. Tem, sobre o ventre, o escudo da última batalha.

Desde pequeno que me habituei a venerar o Marão — quer me pareça um guerreiro, quer um cetáceo ou uma safira. Diante dele, sou contemplativo. Na luta pela vida, muitas vezes me empeço o vinco desse devaneio, dolência adquirida ao sair do berço. Dói-me, poeticamente, o aro de montanhas que o Marão domina sem palavras para ser obedecido. Não posso ouvir dizer que é feio... É crível que o seu núcleo seja espectral. Mas, as terras que lhe dançam em redor, que lindas são! Será feia a Campeã? Será hediondo o alto de Quintela? Será horroroso o vergel chamado Sedielos? Sem se falar agora de Candemil e outros povoados alegres, que vão descendo, na liteira de Camilo, em busca de Amarante. São claridades cercadas de arvoredos novos. Creio que escreveu em seu louvor um estudioso que não amava o ar livre. Foi, se me não engano, Cândido de Figueiredo.

Mas, o próprio espectro do Marão, observado do lugar chamado Boa Vista, entre Arrabães e o alto de Espinho, se não é bonito, é belo. A face do Marão, arregoada de barrocais, é imponente como a de Beethoven. Parece uma carranca de tragédia. Vivem, no sopé, serranos milenários, com lume de urze, carqueja e rosmaninho. Vivem confiados. Mas, não nos parece que tombará sobre eles um dilúvio de pedras?

Se é negro, visto de perto, o facetado bloco, tem lá em cima, no topo, uma capela donde se avista, até o mar, meio Portugal. Será feio este miradoiro?

Grande é o Marão e não dá palha nem grão...

Assim se dizia dantes, quando se queria menosprezar uma grandeza estéril. Hoje, teremos de buscar o símile noutra serra. Já os maninhos do Marão se cultivam e arborizam. E, assim

ajardinado, pese aos amantes da natureza rude, o Marão se vai humanizando.

Dizia-se, em velhas orações, que não havia, lá prà serra do Marão, bafinho de cristão. Hoje, não é bem assim... Fora das velhas póvoas, não falta quem respire e até resfolgue. Na *Pousada de São Gonçalo*, há gente farta e gente limpa.

No último domingo, almocei ali com os meus filhos e um amigo do Porto. Cá fora, tinha-nos escurecido o ar com um nevão desfeito em chuva fria. Para me aquecer e alegrar, que a chuva fria é triste, contei com o fogão aceso no salão da pousada. Mas, aquele fogão, que outrora me acolheu risonho, estava morto. Era um fogão para inglês ver. Não foi preciso acendê-lo, porque havia aquecimento central. Embora, pensei eu entre mim, o lume não é só calor. Para quem chega, depois de atravessar a neve líquida, é sinal de acolhimento franco. E símbolo de hospitalidade.

Fiquei desconfiado. Entrei na sala de jantar com um pedaço de pedra da lareira no sapato. Que pressentimento! A alma do fogão sem brilho pesou em todos os pratos. Só não pesou, vá lá, no bacalhau assado... O resto, berimbau — como diria Aquilino Ribeiro.

Alma negra de fogão extinto, não consentiu, sequer ao menos, que se aproximasse de nós o dono da pousada. Este senhor não nos disse palavra — nem antes nem depois da refeição. Homem discreto, mas, económico... Não gastou connosco meio miligrama de cortesia. Podia gastar doze gramas, porque, enfim, éramos doze almoços. Mas, não teve culpa... Trazia consigo o demónio do fogão extinto.

Pelo muito que quero ao Marão, estimaria que ele fosse mais acolhedor.

27-11-65

Horas Mortas, Régua, 1968, pp. 133-137.

O solar de Mateus

Deve causar inveja a outros solares, que tombam em ruínas por essa província fora, o solar de Mateus. Mimoso da fortuna, se não é habitado por família que todos os dias o aqueça, é protegido por mãos conscientes da sua formosura. Devem ser mãos de fada, porque ninguém as vê. Mas, sentem-se perpassar no arranjo e asseio da casa e dos jardins. A própria quinta, vinculada ao solar, prolonga-o como horto e sementeira nascidos em berço de ouro. Cultivam-se ali framboesas em cordões de seda, isto é, bardos de arame parecidos com os da mais cuidada vinha duriense. E as macieiras? São paradisíacas. Em tardes primaveris, quando o Sol declina sobre Vila Real, queimando com luz macia o casario novo e o casario velho, aquela herdade é um lençol de perfumadas dobras para agasalho da noite. Lembra tempos antigos, cheios de paz cantada por Vergílio.

Não é aqui chamada a história do solar. Aquilo é como um rio... Deve ter vindo do século XVII, pedra sobre pedra, perfeição atrás de perfeição, até o cúmulo dos nossos dias. O último requinte é um espelho de água para se mirar, com o céu, o edifício. É um caco de Versalhes sem ciúmes de Versalhes. Nele nadam cisnes que hão-de cantar, na hora derradeira, saudades do seu lago.

O palácio é exemplo de quanto valem, como arte decorativa, certos artifícios. Pináculos que prolongam, no telhado, as silharias... Triângulos de pedra separados das padieiras... Balaustradas como séquitos de estatuária... Uma escadaria em forma de losango... Cimalhas ondulantes... Muita proporção, não obstante o peso, faz de todo esse granito uma estrofe cheia de harmonia. Lembra certos modos de escrever robustos sem deixar de ser airosos.

No chamado *pátio de honra*, há argolas que esperam o regresso e os nitridos de cavalos ausentes há que mundos. Bem podem

esperar... Os cavalos que se aproximam das argolas, hoje em dia, são cavalos-vapor. São *espadas* ou *chocolateiras*.

Vai-se lá dentro mediante o pagamento de choruda quantia. São *vinte e cinco escudos* para ver de cabo a rabo, além da cerca, todas aquelas salas. Diz o porteiro: é caro, mas, se você quiser, tem aqui bilhetes de *dez e vinte escudos*. Não vê tudo, mas vê alguma coisa.

Preços tais, para gente meanha, são quase proibitivos. São preços de gravura reimpressa para amadores de alta categoria. Paga-se caro o amantismo.

Não pode ir ali o estudante nem o estudioso de casaco no fio. Não pode ir ali o professor nem o funcionário de sela na barriga. Bolsas tristes, limitam-se a percorrer os jardins. Podem, por três escudos, admirar altíssimas camélias, branco e róseo, dobrado e singelo... Podem meter o nariz num túnel de verdura. Podem ver uma série de três piscinas em suave pendor. Podem passear, como poetas românticos, à sombra dos cedros e das magnólias. Lá dentro é que não podem ir. Perdem a lição de mobiliário, tectos artesoados, cerâmicas de várias procedências, pinturas, sedas, etc.... Não podem ver a edição dos *Lusíadas*, feita em Paris pelo *Morgado de Mateus* em 1817. Não sabem o que perdem, porque é um monumento erguido a Camões em papel especial, tipos especiais e desenhos de pulso, executados por Fragonard e outros feiticeiros de uma arte extinta.

O que me valeu, para poupar dinheiro, quando ali fui no último domingo, de peito feito para demorada visita, mais uma visita, foi encontrar fechada a porta do museu. A chave, quebrada na fechadura, fez-me carranca de ferro. Adeus, *Lusíadas!* Adeus, autógrafos, paramentos e outras curiosidades. Limitei-me ao salão nobre, biblioteca e outras salas. Na biblioteca, à luz de lanternas mortuárias, enquanto se não abriu uma janela, depararam-se-me livros espalhados pelo chão e abertos de meio em meio como se estivessem conversando a respeito de poetas do tempo do *Morgado*.

Um rapaz de patilhas, com o seu quê de camareiro, moço de lavoira e boémio em horas vagas, disse-me que os livros estavam abertos para secar. Tinham humedecido com as últimas chuvas. Desastres do grande inverno de 66, que não poupou telhados de rico nem telhados de pobre.

O rapaz de patilhas, com alguma ciência de cicerone, foi-me apontando as ricas talhas daqueles ricos tectos, aquele contador hispano-árabe e aquele relógio inglês, que dá as horas certas, apesar de velho, mas, só conversa, em seu orgulho, com um armário seu compatriota. E aqui está esta mesa, com embutidos de madrepérola. Estes quadros... representam as quatro estações.

O rapaz de patilhas fez jus, menos mal, a uma pequena propina. Bem a mereceu, que não é pior nem melhor guia que muito bacharel. Em Paris, uma doutora, apontando-me com gracioso dedo uma casinha acabada de sair das mãos do empreiteiro, disse: é do tempo da *Sainte Chapelle*. Tratou-se por tu com São Luís.

Quando me retirei, o Sol ia tombando sobre Vila Real. Mas, não entrei na Vila. Deixei-a mergulhada em banho tépido, feito de luz colorida. Meti a uma estrada nova, que vem à Régua depois de ver ou sentir Constantim e outros lugares da fabulosa Panóias. Dissimulada entre pinhais espessos nos primeiros lanços, dá de beber saúde ao viandante. Quem quiser enxaguar os pulmões, encardidos do lixo de tanto automóvel, gases que se cortam à faca, deve passar por aquele desvio, enquanto o madeireiro não vier comprar, alta manada, todos aqueles pinheiros. Vila Real deve defendê-los como se defendesse a própria pele.

26-3-66

Horas Mortas, Régua, 1968, pp. 171-175.

Regresso a Vila Real

Regresso a Vila Real, para mim, é a recordação da minha primeira ida a Vila Real — teria eu cinco anos. Era tão pequeno, que nem cinco anos teria. Fui a cavalo, mas, não dirigi o cavalo. Ele é que me dirigiu a mim — salvo seja. Montado pelo José, bom cavaleiro, que me levou à sua frente como quem leva um embrulho de pedras preciosas, deu comigo em Vila Real sem tropeção, quanto mais queda... Era um rijo cavalo, habituado a caminhos rudes como a serpentina que se distende, subindo e descendo montes, desde Canelas do Douro, minha terra, até Vila Real.

Antes de ser cavaleiro, preso ao selim como os meus tios, que iam para a cama a cavalo, figurei, ainda pegulho, numa cavalgada. À parte o cavaleiro seguro, que me levou a mim e ao José, partiram para Vila Real, naquela tarde, todas as montadas de Canelas do Douro. É modo de dizer, mas, é certo que se incorporaram para a conquista de Vila Real, cavalos de vários donos e categorias. No entanto, como se tivessem combinado a igualdade cavalares, pareciam todos iguais naquela tarde de Junho.

Minha mãe aguardava, em Canelas, o primeiro dia de ceifa. Meu pai, como de costume, assistia, em Vila Real, à feira de Santo António. Ia lá comer vitela e jogar o monte. Não era comedor nem jogador. Mas, apreciava um cibo de vitela, comido numa barraquinha, e arriscava, como forasteiro correcto, um níquel numa dama. Suponho que Santo António se zangaria com ele se assim não procedesse.

Meu pai era doido por Vila Real. Mas, também era doido por mim. Combinou com minha mãe que eu fosse ter com ele, guardado pelo José, flor dos arreeiros, e por meu tio António, que também iria

no bando e era devoto da feira. Queria que eu visse aquilo e voltasse a casa em sua companhia.

A meio da tarde, saiu de Canelas, minha terra, o esquadrão. Deveria comandá-lo o Alexandre de Lacerda, cavaleiro de juro e herdade. Mas, era tão tímido, tão delicado, tão triste, que abdicou do mando. O esquadrão degenerou em tábua redonda ou tábua rasa.

Um dos cavalos era calçado de branco — único sinal que o distinguia dos outros. Mas, fraco sinal. Se tivesse também estrela e beta, seria completo como cavalo traidor. Boa prenda não era, porque tinha o mau costume de se atravessar no caminho. Mas, montado pelo João de Morais, endireitava. Cumpriu a obrigação de subir e descer montes até Vila Real.

Para lá de Vila Seca, um dos cavaleiros lembrou que fôssemos todos visitar o Matos — à Quinta da Prelada. O Matos, nascido em Portugal, era *brasileiro*, porque tinha estado no Brasil e trouxera de lá boa maquia para comprar aquela grande quinta, homónima e próxima parenta, se assim se pode dizer, da Quinta da Prelada, aí do Porto. Pertenceram, uma e outra, aos mesmos donos.

O Matos, que vivia numa cadeira de rodas, meio morto, regozijou-se com a nossa visita. Deu-nos de merendar. Todos de pé, que éramos muitos, comemos e bebemos, isto é, comeram e beberam os cavaleiros. Comeram e beberam variado. A mim, tocou-me um pedaço de marmelada tão grande, que medi por ele a importância do Matos. Devia ser muito rico aquele senhor alegre, mas, crucificado numa cadeira de rodas.

Sempre que vou à Quinta da Prelada, digo entre mim: foi aqui, no vão desta janela, que eu comi o maior pedaço de marmelada que um rapaz de cinco anos pode imaginar. Era grosso, largo e brilhante como a fortuna do Senhor Matos.

Seguimos viagem, descendo o rio Tanha, quase sumido àquela hora, entre pedras miúdas. Passado o rio, numa ponte de pau, subimos uma encosta que iria direita ao céu pelo caminho mais

curto. Chamaram-lhe Mónica. Aí morou, soube-o mais tarde, uma borboleta daqueles desvios — a Riquezinha.

Depois de Vila Nova, tivemos a dita de chegar a Vila Real. Mas, começa aqui a minha confusão... Onde estive eu, que não vi a feira? Tão pequeno eu era, que me não lembro de nada. Não sei onde comi nem onde dormi. Nem sequer me lembro de ter visto o meu pai.

De Vila Real, lembro-me apenas de uma rua larga, onde guardámos o gado. À porta de uma loja, sentado num mocho, estava o Alexandre de Lacerda. Sempre triste, não quis saber da feira. Sentou-me nos joelhos, fez-me festas, suponho que me picou o rosto com o bico da sua barba.

— É seu filho? — perguntou o dono da loja.

— Não. É filho de um amigo meu. Vem aí para nos irmos embora. São horas, que vamos ter trovoadas.

Antes de nos irmos embora, um homem do povo deu-me um grande conselho. Olhe, menino, se lhe perguntarem donde é, diga assim: sou de Vila Real, tanto se me dá ficar bem como mal.

Noite escura, caiu sobre nós, pelo caminho, um temporal de faíscas, ribombos e água diluviana. Meu pai arrependeu-se de me ter chamado. Podia ter ido para a Régua, no fim da feira, em carro de cavalos da Viúva Vilela. Tanto mais, que tínhamos casa na Régua. Minha mãe estava em Canelas, como disse, para assistir à ceifa do nosso pão.

Quando chegámos à ponte de pau, em Vilarinho de Tanha, disse o meu pai: não passo. É uma ponte sem guardas...

Mas, comigo preso nos braços, passou. O rio, engrossado pela chuva, como a nossa roupa, ia lambendo a ponte. Vi-o tão perto como se tivéssemos caído a um poço.

Chegámos a casa tão tarde, que minha mãe, cansada de nos esperar, parecia uma defunta. Mas, à nossa vista, foi-se reanimando. Meteu-me na cama depois de me ralhar e friccionar com aguardente fina. Adormeci.

O meu regresso a Vila Real é uma visita que eu faço a um mundo morto. Para o ver, fecho os olhos. E tapo os ouvidos para ouvir o tropel dos cavalos, as vozes dos cavaleiros e os trons da trovoada.

23-4-66

Horas Mortas, Régua, 1968, pp. 185-189.

Porque deixei de caçar

Tive sempre grande habilidade para atirar ao alvo. Com uma espingardinha de pressão de ar nas unhas, não havia atirador que competisse comigo. Ponto que eu mirasse morria. Fui o diabo em barracas de feira. Quebrei muita pastilha, pus a bailar muito macaco, fiz disparar muito canhão e acabei com muita brincadeira de bolinha, sobe e desce, em colorido repuxo. Latas de bolacha, garrafas de vinho espumoso e até pombas, se estivessem a prêmio, eram para mim. Se não eram para mim, eram para elas, para as primeiras moças que me gabassem a minha rica prenda. No Porto e arredores do Porto, lindas costureiras... Na província, palmos de rosto a esmo, criadinhos e até meias-senhoras... Fiz, com todas elas, um figurão platónico. Mas, nunca passei de atirador no meio de basbaques. Nunca, em domingo nenhum, fui exercitar-me, como aluno civil, no tiro militar. Se caio nessa aventura, poderia ter ganho umas esporas de ouro ou teria perdido, aos primeiros coices, as minhas grandes fumaças de quebrador de cacos e acertador de setas na *mouche* pataqueira.

Perderia as minhas fumaças na carreira de tiro militar como as perdi em Canelas do Douro, minha terra, quando atirei ao primeiro coelho. Se ainda é vivo, muito se deve rir à lareira, contando aos netos, bisnetos e tataranetos a maneira como bigodeou, com os seus pêlos, a minha imperícia. Fiquei tão aborrecido, que criei o complexo da incapacidade para matar coelhos. Isto, no tempo em que não havia complexos do Porto acima... Se fosse hoje, não me faltaria analfabeto que me explicasse, à luz de Freud, as minhas mãos atadas. E bem atadas... Peça de caça movente à superfície da casca podia passear ou fugir como quisesse, que eu não lhe fazia mal. Só uma vez, de noite, consegui acertar num javali. O ladrão,

a horas mortas, vinha estragar, mais do que comer, o milho ainda tenro no mais produtivo campo de meus pais. Vinha, por entre matas, até o Vale da Pereira. Com uma carabina Colt, pus-me à espera e pus-me à espreita... Olá! Ele aí vem. Mal assomou numa travessa bravia, cheia de lajes miúdas, que tilintaram, atirei-lhe ao vulto. Fui precipitado, mas, acertei-lhe... Não caiu redondo, mas, deixou rasto de sangue. Deve ter morrido, que nunca mais apareceu. O milho, leitoso como era nos dentes do javali, conseguiu atemper e ir à arca.

Impossibilitado de matar coelhos, devido ao tal complexo, muito admirei, creio que não invejei, os caçadores de coelho. Na minha terra, havia dois, que foram dois artistas. Quero referir-me ao Job e ao Vila Real. O primeiro era perito nos preparativos. Sabia, como ninguém, com assobios e vozes especiais, chamar às armas uma grande queira. Oh! Que canzoada! Eram os cães de Canelas em peso. Acudiam ao chamo, de rabo erguido, como se cada um dissesse ao general: pronto!

Ninguém, como Job, sabia mandar os cães numa caçada. Era tamanha lambança, tamanha musicata, que me atordoava os ouvidos passados tantos anos. Ah! Funiscas, aqui, aqui...

Era preciso, ao Job, que os coelhos se lhe viessem meter no cano da espingarda. Homem de furão, nunca o vi sem cacifo a tiracolo. De moroiço em moroiço, afuroava aqui, afuroava ali, até que o bicho saltava. Enchia o bernal, mas, depois de muito ardid e muito estardalhaço.

Vila Real caçava diferente. Quase sempre só, como cão de si mesmo, perscrutava o mato com infalível olho. Via um coelho onde não havia coelho. Via-o num pedaço de rango. Sacudia-o com uma pedra e atirava-lhe a fogo. Não havia mimetismo que pudesse com ele. Pumba! Coelho morto.

Se muito admirei Vila Real, grande espingarda de carregar pela boca, nunca deixei de catar veneração às artimanhas de Job.

No meio da sua canzoada, à cata de buracos para meter o furão, cadelinha aqui, cadelinha agora, foi um grande monteiro.

Convencido da minha incapacidade para matar coelho ou lebre, deixava-os fugir sem provimento. Ia até o monte espairecer, agachar-me para beber água pura numa fontainha e encorporar-me para beber ar puro. Não há ares como aqueles ares da minha terra. Cheiram a esteva e outros perfumes rudes.

Envergonhado até à raiz das orelhas, por ter errado o meu primeiro tiro, resolvi experimentar, sem testemunhas e até sem cão, como o Vila Real, a caça da perdiz. Mas, nos meus primeiros passeios, não me saíam perdizes. Deixá-lo... Ia matando no ar a minha rola. Ia matando a minha codorniz. E, em tarde heróica, no Monte Raso, um pombo bravo... Que mais era preciso para alinhar com grandes caçadores?

Sem licença de uso e porte de arma e sem licença de caça, formalidades facultativas naquele tempo, tanto na minha terra como em terras limítrofes, alistei-me, numas férias, na escolta do Dr. Barrigas, caçador que deixou fama como estafador e matador de perdizes. Saí com ele e a sua comitiva numa rica manhã de Setembro — com uvas já maduras. Algumas se provaram para matar a sede e, mais do que a sede, o desgosto de não vermos perdizes em toda a santa manhã. Senão quando, já de volta a casa, entrámos, ainda assim, na vinha de São Gonçalo a conselho de Mestre Frederico, sapateiro que nos acompanhava.

— Pode ser que andem por ali, senhor doutor. Vamos lá?

— Vamos, respondeu o Dr. Barrigas.

Lá fomos, seguindo o conselho de Mestre Frederico, mais mentiroso como caçador do que, na oficina, como sapateiro. Mas, daquela vez, não mentiu. As perdizes lá estavam, à nossa espera, na vinha de São Gonçalo. Às primeiras passadas, que demos por entre as cepas, escureceu-nos o ar uma nuvem de penas ruidosas.

Dispostos em ala, consoante a regra, aconteceu que o Dr. Barrigas, rei de caçadores, errou dois tiros da sua bela espingarda. Vai eu, senhores, não estive com cerimónias. Dei uns bigodes no Dr. Barrigas. Só dei um tiro, mas, certo que nem um malho. A perdiz, como a maçã de Newton, caiu a prumo no solo.

— Bravo! — disse-me o Dr. Barrigas.

Quem me não disse nada, porque emudeceu, foi o Mestre Frederico. Na cova, onde agora jaz, é menino para invejar um caçador de ratos.

Dias depois, à mesa do almoço, diz meu pai: estive com o Barrigas. Disse-me que tens bastante jeito para atirar às perdizes. Podes servir-te das minhas espingardas. Mas, não quero que caces sem licença. Vem hoje da Régua. Assim como cartuchos, pólvora e chumbo... Não quero que te falte nada, já que o Barrigas, bom caçador, me afiançou a tua habilidade.

— E cão? Preciso de um cão.

— Também se há-de arranjar.

Aconteceu que me deram um séter, demasiado mimoso para caçar em montes durienses. É bom para as narcejas, em terras lagunares. Mas, que fino bicho era o meu séter! Fidalgo de patas e de carnes, mas, com um nariz sublime. Ventava as perdizes como cão duriense dos quatro costadas. Com ele saí ao monte algumas vezes sem me arrepender nem ele se arrepender de me acompanhar. Mas, os cães só servem para desgosto. Cheio de saúde à noite, apareceu morto, de manhã, no meu quinteiro. Se foi envenenado, o crime foi perfeito. Nunca eu soube quem mo envenenou.

Tornei a ser cão de mim mesmo. Com saudades do séter, dava a minha volta, sozinho com a minha sombra, pelo Monte Raso ou pelo Monte Calvelo. Já o Dr. Barrigas, médico da tropa, tinha regressado ao quartel do 13. E eu, aqui para nós, amigo do Frederico, não queria caçar com ele. Ia sozinho.

Levantou-me, no Monte Calvelo, um bando de perdizes. Apontei, mas, não matei. Feri. Com um grão apenas, tolhi no voo uma ave. Caiu e pôs-se a caminhar para mim, e eu a caminhar para ela. Pediu-me, com olhos admirados, espantados, próprios de quem vê o mal pela primeira vez, que a não matasse. Disse-me não sei que mais, que era irmã ou mãe daquele bando... Não ouvi bem. Peguei-lhe pelas pernas e dei-lhe com a cabeça numa pedra. Matei-a... Mas, que covarde que eu fui! Tenho remorsos dessa covardia. Nunca mais caçei, sou incapaz de pegar numa arma para sair ao monte. Não receio matar no ar uma perdiz. Temo ferir-lhe a asa e, sem atender à súplica da ave, mãe ou irmã do bando, pegar-lhe pelas pernas e dar-lhe com a cabeça numa pedra. Peço desculpa de não ser duro, como agora se exige dos bons cidadãos e dos bons criminosos.

Dezembro — 1966

Horas Mortas, Régua, 1968, pp. 279-285.

Sete colheres de açúcar

Farto-me de dizer que minha mãe, boa dona de casa, era económica sem ser avarenta. Digo também, a cada passo, que zelava a minha saúde, a de meu pai e a de meus irmãos como nenhum ministro zelou jamais a saudinha do povo — do nosso povo, se não quisermos sair de Portugal.

Minha mãe era assim... Tanto poupava o pão de cada dia como a saúde de todos nós — espécie de colmeia que ela governava. Seria incapaz de cozinhar ou mandar cozinhar o mais gabado pitéu se desconfiasse dele como portador de malefício. Quanto a dinheiro, nunca desperdiçou o valor de cinco réis — daquele tempo. Dizia até, para justificar o tino administrativo: *muitos cincos fazem muitos dez.*

Quem isto ouvir dirá que minha mãe era avarenta. Não era... Com o muito que forrava, ia matando a fome a muito pobre. E matava-a sem que ninguém o soubesse. Eles, os pobres, depois que ela morreu, é que se descoseram... Disseram mundos e fundos da sua caridade. Concluí que tinham comido connosco, à nossa mesa, sem nós os conhecermos.

Ninguém diga que quero fazer de minha mãe uma santa. Sabe-se lá quem é santo ou quem é pecador... Conto estas coisas para melhor definir o carácter de minha mãe. Que, para o definir, bastaria a frase que lhe saía dos lábios se viesse à colação, nos serões familiares, o vocábulo *café*. Dizia logo: *faz muito mal e não há açúcar que o adoce.*

Condenava o café, coitadinho, por imaginar que era um veneno preto. Condenava-o também, porque obrigava a gastar açúcar sem conta, peso ou medida.

Pergunto eu agora: como seria o café que minha mãe condenava? Seria o fel e vinagre que os maus judeus, os de Braga, deram a beber

a Nosso Senhor Jesus Cristo? Para gastar tanto açúcar, devia ser uma esponja de fel e de vinagre.

Com a frase de minha mãe me preveni antes de ter visto, pela primeira vez, o negregado café.

— Cá está ele, disse comigo ao vê-lo em Vila Real, no antigo *Café Tocaio*. Mas, cheira tão bem! Será tão mau como a minha mãe o pinta? Será um pecado como o do fumo? A minha mãe diz que me mata se um dia me vir com um cigarro na boca. Agora mata! Se eu chegar a grande, também hei-de fumar. Todos os senhores fumam.

Pensei tudo isto quando me vi sentado, pela primeira vez, à mesa de um café, que não era um café de lepes. Era o *Tocaio*, em Vila Real, por baixo do hotel do mesmo nome. Era, a meus olhos, uma grande sala, cheia de fumo, de luz e de ruído. Era um botequim — se quiserem dizer agora que era um botequim. Mas, em noite de festa... Vila Real estava em festa. Era o *Santo António*, o daquele tempo, uma feira que se podia ver. No Campo, hoje Avenida de Carvalho Araújo, quanta vida se não desenrolou! No Campo e arredores, muito cavalo, muita mosca, muito morango, muita batota, muita basófia e muito pastel de massa folhada. Hoje, nem cavalos... Só há gente fina.

Vi-me rodeado de amigos de meu pai, que me levava à feira como seria capaz de me levar ao Brasil para eu ver mundo. Certo é que não dispensava a minha companhia.

Dos amigos de meu pai, à mesa do *Tocaio*, sobressaía o João Bonifácio, oriundo de Ovar, homem alentado e com voz de comando. Resolvido a pagar uma rodada, mais intimava do que oferecia. Tomas café, tomas café, tomas café...

Ninguém se atreveu a recusar, porque João Bonifácio era imperativo. Tomas café, tomas café, tomas café...

— Tomo, sim, senhor...

Eu disse logo que sim para não melindrar aquele senhor tão grande e, de mais a mais, para provar o meu primeiro café. Como seria aquilo?

— Serve-te!

Pôs diante de mim um açucareiro tão alto como ele, uma torre de prata ou níquel que lhe levava a palma em arquitectura.

— Serve-te!

Mandou que me servisse primeiro do que os outros. Começou pelo elo mais frágil da rodada.

— Serve-te!

À sombra do João Bonifácio e do açucareiro, servi-me... Por se tratar de café, não haveria açúcar que o adoçasse. Para ficar meio doce, exigia aquele açucareiro. Deitei uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete colheres de açúcar. Parei na sétima sem saber se tinha deitado de mais, se de menos.

— Caramba, murmurou o João Bonifácio.

— Caramba! Deitei de mais, não era preciso tanto.

Assim pensei, mas, não disse nada. Fiquei, até hoje, envergonhado. O meu primeiro café coincidiu com a minha primeira *gaffe*.

10-1-67

Ecos do País, Régua, 1969, pp. 7-10.

O retrato de Freilão Seide

Tenho agora diante de mim, na sala onde escrevo, o retrato de Freilão Seide. Acabo de o entronizar entre duas estantes, por cima do sofá de palhinha, onde morreu, de apoplexia, com cinquenta e poucos anos, o meu avô materno. Como se os mortos mandassem em mim e me obrigassem a contemplá-los, tirei de um sótão, onde jazia esquecido, o retrato de Freilão Seide, como retirara, poucos dias antes, de sala mais devassada que o sótão, o belo sofá de palhinha, onde morreu o meu avô materno.

O pobre sofá, tão delicado, ia sendo vítima de pinchas e mais pinchos da minha criançada — os netos que me visitam como quem me paga um rico tributo de graças e ruídos. O retrato, esquecido num sótão, já tinha levado uma espécie de facada, um golpe longitudinal feito com um prego dissimulado num espanador. Feriu-o, sem querer, uma criada amiga do asseio, mas, infeliz em sua má vontade contra o pó acumulado. Quando limpa, destrói. O que lhe valeu, ao retrato, foi a boa carnadura. Curou sem cirurgia. Mal se lhe percebe a cicatriz.

Retrato e sofá estão agora no seu devido poiso. Aí devem permanecer como representantes de uma era extinta. Freilão Seide e meu avô materno foram contemporâneos em Canelas do Douro, minha terra. Prolongam agora, em tela e palhinha, a contemporaneidade. Conversem, recordem, que me não incomodam.

Meu avô, natural de Provesende, viveu em Canelas como se vivesse em terra própria. Não precisou de sair das margens do rio Douro para governar a vida. De Freilão Seide... não se diz o mesmo. O tom geral do retrato é a melancolia do expatriado. Freilão Seide teve de atravessar a raia do Norte para viver em Canelas. Foi um dos muitos galegos que povoaram o Douro — antes e depois da filoxera.

Melancólico retrato! E bom retrato, porque pinta o soma e o interior. Quem o deu à tela foi fiel às duas coisas. Não precisou de desfigurar o modelo, escavar-lhe as feições como quem quebra um ovo, para lhe mostrar a gema, isto é, a alma. Parece que lhe bastou ser fiel aos traços fisionómicos para a revelar. Se o corpo é função da alma, como entendeu Leonardo, respeitou o corpo como quem respeita uma obra de arte original. Se assim não fizesse, ninguém lhe diria: é o Freilão vivo.

Mariquinhas Freiloa, filha do emigrado, legou a meu pai o retrato ao despedir-se do mundo. Recomendou-lho como quem recomenda um desprotegido condenado a viver depois de morto.

Meu pai, reproduzindo palavras de Mariquinhas Freiloa, com exactidão provavelmente falível em algum pormenor, dizia que a pintura fora executada pelo *Senhor Ribeiro*, que viera de Nogueira, Vila Real, decorar a capela de Nossa Senhora das Candeias, padroeira de Canelas, ou a igreja matriz de Poiares, distante de Canelas cerca de um quilómetro. Hóspede ou amigo de Freilão Seide, oferecera-lhe o retrato como prova de estima desinteressada ou como sinal de gratidão à hospitalidade.

Ribeiro, pintor decorador, atreveu-se com a figura de Freilão Seide. E não se saiu mal. Saiu-se muito bem. Tinha no sangue a progénie de seu filho, o notável pintor João Augusto Ribeiro, tão conhecido, aí no Porto, como se fosse portuense nato. Morreu, como sabem, em 1932.

O retrato deve ter, pelos meus cálculos, cerca de cem anos. Mas, está como da hora... Boas tintas usou o pintor decorador. Com elas se houve para reproduzir, em fundo avermelhado, o seu modelo. Com elas se houve nos panejamentos, espécie de lustrina de tom sobre o azul. O preto da gravata, em forma de laço quase herculânico, e o branco da camisa, no peitilho, com o seu quê de anil, devido à goma, foram especiais. Como foi especial a palidez do rosto e a cinza caída, em plena velhice, ainda erecta, num cabelo sedoso e sobre o loiro.

Se houve, entre nós, galegos achamboados, com boca e olhos de peixe, não foi assim o Freilão Seide. Comerciante de ofício, parece, no retrato, um galego de elevada estirpe. Na sua pose de solenidade, não mantém a soberbia própria dos mal feitos, que lograram vencer, em meio próprio, todos os empecilhos. Tira-nos de dúvida, como sinal de distinção, aquela melancolia...

Filha do desdém, usado no seu tempo, em terra tão fidalga, com o galego de qualquer ramo étnico? Tanto era galego, para o natural de Canelas, o tipo de Sancho como o de D. Quixote. É crível que Freilão Seide, homem de aprumada estatura, traços bastantes finos, severidade comercial e doméstica, se doesse da iníqua confusão. Lembra um herói amargurado, se não vencido, pelo ressentimento.

Resolvi exalçá-lo, pondo-o diante de mim na sala onde escrevo. Representará aqui o homem da Galiza, que veio a pé, dos lados de Orense, povoar o Douro e ajudá-lo a produzir o vinho fino.

Lembrei, em tempos, a obrigação que cumpre à Régua de dar a uma avenida o nome de Galiza. Ou a Régua me não ouviu ou tal avenida ainda não nasceu. Pouco me importa... Sem sair de casa, vou rendendo o meu preito a uma nação sofredora, enérgica até o martírio ou o heroísmo. Reconheço quanto lhe deve, antes da filoxera e depois da filoxera, o meus país vinhateiro.

10-2-68

Ecos do País, Régua, 1969, pp. 173-176.

O caso do chapeleiro

Conheci muito bem, aí no Porto, o Sr. Amaral, chapeleiro estabelecido em Santa Catarina. Conheci-o desde a minha infância até o meu primeiro ou segundo ano da Universidade. A partir de então, ou ele morreu, que já não era novo, ou o perdi de vista. Afastaram-no de mim ou dele me desviaram os ventos que sopram sobre qualquer vida até que mudam de rumo. O chapeleiro de Santa Catarina é hoje, na minha memória, uma recordação. Mas, tão viva...

Está por escrever a história da colonização do Porto por gente da província. O chapeleiro de Santa Catarina, tripeiro adoptivo, era natural de Guiães, quase minha terra. Foi patrício daqueles ourives da rua do Loureiro — os Sampaios, os Ribeiros e os Aguiares. Se não militou no ramo desta gente, ficou a pertencer-lhe pela raiz comum. Todos de Guiães, comarca de Vila Real...

A loja do chapeleiro, à frente da oficina, com as suas estantes de mogno envernizado, seria hoje um anacronismo. Não rendia preito às cores do arco-íris nem se revestia de cartazes claros, que anunciassem, em língua derrancada, o prémio de um chapéu a quem comprasse dois, Nada disso... Era uma loja tão grave, que apenas brilhava no verniz do mogno.

Entre o balcão e a porta, juntavam-se às noites, para o cavaco, naquele tempo livre de horários de trabalho, fiscalizações, os *ferrinhos* da casa. Eram industriais medianos e um ou outro letrado. Lembro-me de ver ali o grande bibliófilo Joaquim Gomes de Macedo, guarda-livros da Casa Ferreirinha, e, menos assíduo, o grande jornalista Guedes de Oliveira.

Levava-me àquela confraria, sábado sim, sábado não, o amigo de meu pai e meu primeiro guia aí no Porto — o Sr. Pereira da Costa. Levava-me ali quando me ia buscar ao colégio para eu conhecer a

cidade e os arredores da cidade. Falo desse homem, caixeiro de casa inglesa, num dos capítulos do meu *Sem Método*.

Aquela chapelaria do Sr. Amaral, em Santa Catarina, era uma assembleia de pequenos burgueses afeiçoados ao ideal republicano, gerado no 31 de Janeiro e emancipado pelo 5 de Outubro. Aquela gente simples, à parte a cultura de um Gomes de Macedo e do jornalista Guedes de Oliveira, daria o sangue dos braços para consolidar a República, já combalida, apesar de nova, por culpa de quem a fez e de quem deixou que se fizesse. Era uma gente meio desconfiada do êxito obtido na Rotunda. Mas, que boa gente... Bem procedida e tão portuguesa como se não houvesse mais mundo além de Portugal.

O mais simples de todos os conversadores era o dono da casa. Pode-se dizer que nem falava. Mas, dentro do seu peito largo, criado em Guiães, havia uma fé política suficiente para remover a serra do Marão. Era um patriota severo, feito de uma só peça e de uma só ideia. Aquelas mãos, onde cabiam duas copas de chapéu, se um dia se agitassem para defender o seu credo, seriam mãos temíveis.

Por estas e outras, republicano tão convicto, alguém se lembrou de o premiar com uma honraria. Quiseram fazer dele, homem tão simples, vereador do Porto. Foi como se lhe cuspissem no rosto escuro, talvez mordiscado por restos de varíola. Dentro daquele tronco atarracado, prancha de Guiães, levantou-se um perigoso tumulto. Repeliu a gloriola. Com a mão espalmada sobre o peito, declarou que não tinha competência para vereador.

Foi caso único, nos anais de mercês e honrarias, a renúncia do chapeleiro. Custou a crer que homem nascido de ventre feminino alegasse incompetência para ser vereador. Se, como hoje, qualquer bichinho se julgava capaz de endireitar o mundo com uma vara de regedor ou de ministro na mão, como pôde acontecer que o Amaral, com carta de republicano, fosse tão tolo, que não quisesse ser vereador?

Defendeu-o, numa crónica brilhante, o grande jornalista Guedes de Oliveira. Não me lembram os termos da defesa, que redundou em elogio. Guedes de Oliveira pôs num relicário a honrada alma do chapeleiro para que os seus leitores se deslumbrassem com o singular exemplo. Fez de um homem bronco, nado e criado à sombra das nogueiras de Guiães, um homem cristalino.

Eu, sempre que se fale de nomeações, para o desempenho de qualquer papel, fácil ou difícil, lembro-me sempre do Amaral chapeleiro e faço votos por que o nomeado aceite se for capaz e rejeite se for incapaz. Mas, onde está quem se conheça, como se conheceu, embora bronco, o Amaral chapeleiro?

24-8-68

Ecos do País, Régua, 1969, pp. 247-250.

Camilo em Vila Real

Herdei, de meu pai, o amor a Vila Real. Criei-me, com o meu pai, no amor a Vila Real.

No colégio do benemérito Dr. Jerónimo, estava a educar o meu irmão mais velho. Meu pai, sempre que viesse à Vila, como então se dizia, para visitar o meu irmão, trazia-me consigo. Trouxe-me, nos primeiros tempos, em carro de cavalos, alugado na Régua ao *Santa Marinha* ou à *Viúva Vilela*, alquiladores que já lá estão, no outro mundo, a conversar ombro com ombro, sem ressaibo da inveja própria de oficiais do mesmo ofício.

Muito se devem admirar as duas almas, embranquecidas à força de penitência ou de glória, do que vai por cá, principalmente a morte do cavalo e o apogeu do automóvel. Feio bicho, dirão eles de carro ou carreta sem cavalos. Imitarão, sem querer, o Eça de Queirós, que também se horrorizou, a ponto de quebrar o monóculo, quando viu e ouviu o primeiro automóvel.

Como ia dizendo, comecei por vir aqui, a Vila Real, ao colo de meu pai ou ao lado de meu pai, no assento de uma *carruagem*, como então se chamava, na minha terra, ao carro de cavalos. Mais tarde, já o meu irmão, grande cábula, tinha desistido de suportar o colégio, vim aqui muitas vezes, de comboio, com o meu rico pai. Digo *rico*, sendo ele *pobre*, porque *rico* também quer dizer *querido*.

O comboio de Vila Real! Quase assisti à inauguração desse brinquedo útil, que me trazia da Régua, Corgo acima, de encantamento em encantamento. Maior maravilha de paisagem, em ponto pequenino, só a vi em ponto grande, com mais macieiras e mais colinas, ao atravessar dos Pirenéus. Subi-os como se levasse comigo, de surpresa em surpresa, as margens do meu Corgo.

Torcidas e retorcidas por caprichosas curvas, deixarão essas margens de ser apreciadas por quem tiver olhos na cara se vier a fechá-los aquele pouca-terra de trabalhar e brincar. Se me demoro por aqui mais tempo, assistirei à morte do meu amigo de infância. Trazia-me a Vila Real devagarinho como se quisesse prolongar o meu recreio.

Fiz em Vila Real o meu exame de instrução primária. Vejo a sala onde respondi a paternais professores, mas, severos professores. Não me deram a *distinção*, porque errei o ditado. Escrevi *saia* sem *i*. Se eles soubessem como hoje se escreve *saia*, sem tinta quase nenhuma, tinham-me premiado.

Conheço Vila Real desde que vim ao mundo, que vai acabar se não tivermos cuidado com a bomba atômica. De Canelas do Douro, minha terra, tanto em férias grandes como em férias pequenas, montava a cada passo num cavalicoque para meter ao empinado caminho que me trazia a Vila Real, custodiando o rio Tanha. Era o caminho da *Tia Constança*, uma velha de nariz grosso que levava a Canelas, ida por vinda, o saboroso *trigo da Vila*. Assim se chamou, anos e anos, ao pão de cada dia, que Vila Real deitava como bênção, todas as manhãs, aos povos de Panóias.

Deixei, num livro que por aí anda, a narrativa da minha primeira viagem de Canelas a Vila Real. Quem a tiver lido saberá como quero a este especioso burgo, fundado por Afonso III há setecentos anos. Melhor o conheço do que a mim, porque ninguém se conhece.

Nasceram-me os olhos na vista de trás do cemitério, diante do Monte da Forca; no velho Campo; no Calvário; e, lá em baixo, na Rua dos Ferreiros e na ponte velha. Ainda oiço o lindo toque de recolher do 13, espécie de ave-marias militares, que passavam na rua quando eu jantava, com o meu pai, no hotel do *Zé Garoto*.¹

¹ — José Liberato, alegre proprietário do Hotel Mondego.

Posso comparar com a de hoje a feira de Santo António da minha meninice. Quem conheceu o velho mirante das freiras de Santa Clara pode comparar os cavalos, os morangos, os rebuçados e os doces de mãos de anéis, a vitela e o vinho das barracas, o homem da roleta e a *giganta espanhola*, tudo tão animado e tanto a compasso, com o fugaz e bulhento circuito automobilístico. Deus o mantenha, ainda assim. Se acaba, morre com ele o último prodígio de Santo António, que, pelo visto, aderiu aos automóveis.

Mas, a quem devo eu toda esta ciência e todo este amor? A meu saudoso pai, que me iniciou na devoção à velha vila. Se não fosse ele...

Outra das paixões de pai tão rico, no sentido de adorado, foi Camilo. O homem inteligente, sensível à beleza literária de cunho português, saboreava e tornava a saborear, em livros pequeninos, o autor maravilhoso.

Faz hoje 82 anos que o modesto ledor, com um livro de Camilo entre mãos, sentiu repercutir, no seu ânimo de jovem, o tiro que se compadeceu de um grande desgraçado. No frontispício das *Estrelas Propícias*, título contrário ao evento de São Miguel de Seide, traçou o meu pai uma nota lutuosa. Se para aqui a não trago, é para me não repetir. Transcrevi-a nas *Cartas da Montanha*.

O primeiro livro que eu li foi um dos tais livrinhos pequeninos, que seduziam meu pai nas suas horas livres de solicitador. Não obstante a idade tenra, li-o de fio a pavio como quem percorre, até o fim, uma vereda encantadora. Meu pai tinha-me transmitido a bossa camiliana.

Factos e lendas, casos puros ou inventados a respeito do escritor ingente, meu pai mos referia, agora e logo, ao sabor da minha criação debaixo dos nossos tectos. Casa de pais, escola de filhos — como diria o Agostinho de Campos.

Mais que uma vez o meu pai me mostrou, aqui em Vila Real, numa espécie de largo, próximo dos actuais Paços do Concelho, uma casa

que hoje me parece, no álbum da memória, uma cardenha. Como que assente numa parede larga, tinha uma porta que se poderia abrir com um espirro. Dava-lhe acesso uma escaleira de pau.

— Foi ali que o Camilo fez representar o *Agostinho de Ceuta*.

Se não foi ali, perto da *Casa dos Brocas*, onde foi então? Diga-o quem sabe tudo para me desiludir.

— Foi ali que o Camilo fez representar o *Agostinho de Ceuta*.

Se não foi ali, nem por isso deixa de ser sagrada, por ser sincera, a convicção do meu informador.

Camilo nasceu em Lisboa. Mas, é de Vila Real... Herdou o sangue dos *Brocas*, vila-realenses impulsivos, sempre dispostos a disparar um bacamarte. Homens *raros*, como diria um espanhol... Homens pouco *discretos*, como diria Cervantes, vingaram-se da rudeza ingénita, praticando actos descomunais — raptos, adultérios e outras escapulas à regra social.

A natureza, cansada de se repetir, cansou-se de ser rude na árvore camiliana. Mas, não deixou de ser excêntrica. Deu de si, para variar, um homem de génio chamado Camilo. Deu de si um raio, que se repete, desfigurado em froixos alumios, na descendência directa. Na indirecta, por influência de feliz enxerto, não deixou de brilhar. Reparem nos olhos coruscantes do Padre Luís Castelo Branco.

O génio é um disparate. Como que nasce de geração espontânea. Sobre este fenómeno, que a ciência nega, também se pode dizer que não dá filhos, embora se multiplique em mil rebentos. Mil Nunos, ainda que sejam viscondes de São Miguel de Seide, não valem um Camilo. O génio não se reproduz. Aparece.

O génio absolve Camilo de todos os pecados. Se o génio é monstruosidade, crucificar quem o padece não é misericórdia. É velhacaria.

Camilo foi barro comum iluminado. Não é preciso apagar-lhe a luz para fazer realçar a fealdade do barro. Se a luz é o que nos importa...

Importa aos que sabem ler como se deve ler. Importa aos que demoram na *meio fabulosa* província trasmontana, principalmente os da parte ocidental. Camilo, que por aqui passou a juventude, levou daqui memórias para todo o sempre. Cada uma lhe rendeu mil por um na messe literária. O romancista de Seide nunca deixou de ser garoto de Vila Real, caçador de quimeras no Mezio e aprendiz de Latim na Granja Velha. Camilo é nosso, é de aquém do Marão.

Vila Real, ao festejar o sétimo centenário da sua genealogia, não esqueceu o imortal Camilo. Quis lembrá-lo por meu intermédio. Vou ver se o deparo no eco dos seus passos vila-realenses.

Camilo, órfão de pai e mãe aos dez anos de idade, veio ter, carregado de luto, à pátria de seu pai — Vila Real de Trás-os-Montes. Veio com ele, também coberta de luto, sua irmã Carolina — brotinho de 14 anos, como diz o brasileiro. Acompanhou-os uma criada gorda, cujo nome vacila entre Maria Carlota e Carlota Joaquina. É sempre vago quanto se refere à história dos grandes homens. Mas, não é vago, porque é certo, meterem-se os dois órfãos em casa de sua tia D. Rita Emília, mais conhecida por *D. Rita Brocas*.

Não guardava decoros à titi o rapazinho órfão. Pegava em pedras e apedrejava os transeuntes. Embrião de escritor desinquieto, convidava para a patifaria um menino manso, que não pegava em pedras e veio a ser criminoso.

Quando a irmã Carolina, o tal brotinho, casou com um futuro médico, partiu em sua companhia para Vilarinho da Samardã. Sabe-se que foram felizes, para o perseguido da sorte, os dois anos que ali passou. Vilarinho da Samardã é uma regalia de Vila Real. Pertence-lhe como jardim fora de portas, com tanto idílio como aspereza. Tanto ali ri o milharal como se encrespa a serra. Não é bem o *agro triste* lembrado pelo escritor.

Em Vilarinho da Samardã, Camilo foi feliz, porque foi pássaro livre. Apascentava, por gosto, o gado da família. Sentava-se na ponta dos rochedos para devanear. Em vez de pegar em pedras,

pegava na escopeta e atirava às galinholas, perdizes ou algum lobo com inocente chumbo. Surpreendeu, entre fragas, uma gentil camponesa, que veio a merecer-lhe derretidos versos. *Luísa, flor de entre as fragas...*

No paraíso de Vilarinho, conviveu o futuro escritor, debaixo do mesmo tecto, com o Padre António de Azevedo, cunhado de sua irmã. Com ele aprendeu algum Latim, um cibo de Francês, cantochão e a ciência precisa para ajudar à missa.

Camilo, que veio a ser um céptico, tenho-o nessa conta, herdou da convivência com o Padre António de Azevedo, *alma de Deus*, o sentimento religioso patente nos seus livros. A descrença não é incompatível com o sentimento da crença. É exemplo deste fenómeno um Renan e um Camilo.

Veio a confessar o escritor que o bom do Padre António o não pôde aturar em Vilarinho. Homem carregado de austeridade, talvez lhe não sorrissem as vagabundagens do pupilo por entre fragas. Mandou-o de presente ao Padre Manuel da Lixa, que ensinava Latim na Granja Velha, termo de Ribeira de Pena.

Aí tem Vila Real o seu Camilo nas margens do rio Tâmega. Aí tem em Friúme o estudante rebelde a qualquer disciplina. Repeliu dos livros de aula o que lhe pareceu mais indigesto. Matriculou-se, mas foi, na aula do amor. Namorou Joaquina, filha de um tendeiro, e casou com ela. Mas, o *conjungo vos* não foi prisão para ele. Divertiu-se, em meio fruste, de modo espaventoso. Como se tivesse bichos-carpinteiros, percorreu as cercanias de Friúme. É crível que tenha comandado folias populares. É certo que conheceu, debaixo de um alpendre, o *fidalgo-mendigo*, sombra esfarrapada, que o acompanhou até o fim da vida. Também é certo que rabiscou e pregou, à porta do Salvador, uma versalhada contra um fidalguinho, preso pelo beijo a uma criatura de sangue menos azul. Bandeou-se com o irmão do infeliz Macias, morgado a quem repugnava o risco

de uma aliança de cores disparatadas. Com o demónio travesso a puxar por ele, Camilo arriscou-se a levar pancadaria do rolo contrariado. Fugiu-lhe ao cacete furioso e, ao mesmo tempo, à mansa Joaquina. Confirmou o conceito de Pascoaes... Homem fora de marcas é solteiro.

Mordiam-lhe pulgas de toda a casta. Outra vez em Vilarinho, com o laço conjugal a desfazer-se, rentou à *Maria do Adro* como se tivesse reconstituído a alma virgem. Feito cordeirinho, ofereceu-lhe abraços do seu velo em troca de missangas.

Vila Real vê-o no Porto, onde estudou ou fingiu estudar Medicina. Aprovado em Anatomia, volta a Vilarinho, onde lhe dizem que *Maria do Adro* está com Deus. Chora por ela, quer tornar a vê-la... Ajuda o cunhado, já médico, a desenterrá-la para a tornar a ver. Se não foi verdade, põe em pé de verdade a invenção, provando que lhe não repugna a necrofilia romântica.

Despede-se do Porto para tentar em Coimbra o curso de Direito. Não passa dos preparatórios, porque o surpreende, nesta conjuntura, o alevante da *Maria da Fonte*. Regressa a Vila Real, hospeda-se na *Tia Rita*, lê proclamações miguelistas na loja do *Zé da Sola*... Faz-se tribuno para agradar à tia e ao marido da tia — mais miguelistas do que D. Miguel.

Homem esterlinto! Não obstante a guerra civil, seduz e rapta Patrícia Emília. Entra na hoste de Macdonell. Mas, não acompanha o general escocês até à morte. Desvia-se para Vilarinho da Samardã, volta a Vila Real, mete-se na boca do cabralismo triunfante, irrita-o com irreverências, leva pancada do *Olhos de Boi*, receia o assassinio político, furta-lhe as voltas, refugia-se em Covas do Douro² e, daí, em barco rabelo, ala para o Porto...

À sombra da Torre dos Clérigos, sem *olhos de boi* que o persigam, filia-se na boémia literária dos folhetins e botequins.

² — Onde o cunhado era médico de partido.

Mas, de Vila Real, já ele tinha mandado, para jornais do Porto, o *Último Conquistador* e outros romancinhos.

Pronunciado por adultério, cometido com Ana Plácido, foge do Porto à expectativa dos ferros, que se lhe afiguram, pintados por amigos, o Inferno. Refugia-se nas Taipas, em Guimarães e em Fafe, mas, aonde vai mais vezes, é às terras da sua criação — Vila Real e Vilarinho. Filho pródigo, ali encontra melhor pitéu do que bezerro gordo. Encontra a segurança. Dela se lembrará, vida fora, com inquebrantável reconhecimento. Homem volúvel, nunca esqueceu os amigos de Vila Real.

Camilo, como escritor, nasceu dos conflitos da sua índole com a monótona regra do viver comum. Fê-lo dramaturgo a Patrícia Emília. Fê-lo romancista D. Ana Plácido. O *Amor de Perdição* nunca teria nascido fora da cadeia, onde Camilo penou por adultério. Tormentos de amor e ciúme, desilusões, arrependimentos, deram de si obras-primas.

Todavia, não é à análise das obras de Camilo que eu pretendo chegar. Quem as leu, que as rememore. Quem as não leu, que as leia. Aonde quero chegar é à consubstanciação de quase todas as letras de Camilo com o país trasmontano, principalmente a área vila-realense. Quem se debruçou em cima dessas letras não dirá que minto. Do *Anátoma* ao *Degregado*, o principal cenário é vila-realense. De Chaves à Régua ou da Régua a Chaves, não haverá povoado, próximo ou distante do percurso, que não figure em Camilo.

Camilo nasceu em Lisboa, assistiu no Porto e veio a morrer em São Miguel de Seide. Mas, pelo sangue, pelo ar que respirou entre montanhas, por mil e um acidentes, presos à sua retina, desde moço, nunca deixou de ser trasmontano. É o maior homem de aquém-Marão.

Vila Real, ao comemorar, com setecentas velas, o seu nascimento, deve associar às festas natalícias o nome de Camilo.

Deve perpetuá-las com este nome. Deve, para já, reivindicar o direito de considerar Camilo o único nome do seu liceu. Não se compreende que só os liceus do Porto, Coimbra e Lisboa possam ter padrinho. O liceu de Vila Real deve ser, por excelência, Liceu de Camilo Castelo Branco.

O busto de Camilo, escondido no jardim da Carreira, como se Vila Real se envergonhasse do maior escritor português, deve mudar de sítio. Se a pequena praça do liceu tem o nome de Camilo Castelo Branco, pede como pão o busto de Camilo. Tanto mais, que esse retrato é uma obra de arte. Não envergonha a família do escultor Anjos Teixeira.

Mais tarde, pensará Vila Real em erigir a Camilo a estátua que merece. Ficará a preceito nas margens do rio Corgo, sobre a *peanha eterna do Anátoma* ou em ponto donde se alcance a Vila Velha. Tragédia por tragédia, não seria desconcerto erigi-la sobre o Monte da Forca. Por entre risos e lágrimas, a obra de Camilo tem o seu quê de sinistra. Mas, como obra de génio, tem o poder de diluir, tomando-a alada, tanto a dor que uma força representa como qualquer outra amargura humana.

Faz hoje 82 anos que faleceu Camilo. Faz hoje 82 anos que o atormentado de Seide rompeu com o suplício. Cumpriu a Vila Real integrar esta lembrança nas comemorações da sua cidadania. Mas, o que não está certo é ter-se equivocado com a minha pessoa. Para cumprir cabalmente a sua obrigação, em vez de recorrer a uma competência, recorreu a um topa-a-tudo. Que se não arrependa é o meu voto de ruim aluno de Camilo e de bom amigo de Vila Real. Digo bom, porque sou amigo velho. Não há como a velhice para refinar o vinho fino e o amor puro.

Repeti neste ginásio,³ piorada na forma, a lição de doutos camilianistas sobre *Camilo em Vila Real*. Mas, se a missão é erudita,

3 — Da *Escola Industrial e Comercial* de Vila Real.

será fácil encontrar missionário que não insista no dito e redito por outros pregadores?

Se compararmos com a natureza os factos históricos, será desculpável a qualquer artista interpretá-los como lhe der jeito. Neste dia 1 de Junho, cometi o delito de forragear no trigal camiliano. Mas, como réu que a si próprio se defende, aponto à generosa assembleia a minha atenuante. Sou artista — embora de via tão estreita e tão tremida como a do Vale do Corgo.

Se consegui despertar em quem me ouviu o desejo de contribuir para o culto de Camilo na sua bem amada terra de origem, vamos lá, que não ganhei mal o meu dia.

Antes de regressar à Régua, agradeço a paciência com que fui ouvido e expresso o meu bem-haja a quem me convidou para esta função.⁴ Se mal a cumpri, é que não tive forças para mais. Senhoras e Senhores, digo-lhes adeus, pedindo-lhes que me perdoem.

1-6-1972

Palavras Fora da Boca, Régua, 1972, pp. 137-149.

⁴ — O *Rotary Club* de Vila Real.

Friúme

Penso que já não há camilianistas nem camilistas. Se os houvesse, teriam ido a Friúme, no dia 18 de Agosto, comemorar o primeiro casamento de Camilo, ali realizado há cento e vinte e cinco anos. Eu, que não sou camilianista, porque não espiolho a vida de Camilo nem coleciono gravatas que tivessem pertencido ao escritor, correspondi ao convite do Dr. Mário de Meneses para comparecer em Friúme naquela data fatídica. Digo fatídica, porque aquele casamento foi o primeiro passo do irregular destino camiliano. Obedeceu a uma sina. O trânsito de Camilo, à superfície da terra, cumpriu-se em perigoso caminho. Se tivesse decorrido em estrada larga, livre de precipícios, é crível que a sua obra se ressentisse da monótona comodidade.

Torno a dizer que não sou camilianista. Sou apenas mau discípulo de Camilo como sou mau discípulo de Ramalho ou Eça de Queirós. Quero aos três mestres, porque deles recebi lição maravilhosa. Pena é que pouco a tenha aproveitado.

Fui a Friúme como aluno de Camilo e como amigo de quem me convidou para esse regresso a 18 de Agosto de 1841. Fui lá imaginar o que teria sido, na igreja do Salvador, sede da freguesia, o casamento de um moço de dezasseis anos com uma rapariga que andava a cumprir as quinze primaveras. Tão leviano foi este consórcio, que se desfez daí a pouco tempo.

A pedido do Dr. Mário de Meneses, transportei na minha carripa, desde Vilarinho da Samardã, o P.^e Luís Castelo Branco, sobrinho-neto de Camilo. Deparou-se-me na casa em que o tio-avô, antes de sair para Friúme, viveu anos felizes. Assim o atesta uma placa, posta como uma flor à direita da porta principal.

Anos felizes? Camilo sempre confessou que foram poucos. Mas, o P.^o Luís Castelo Branco não crê na infelicidade do tio. À parte os anos de cegueira, repugna-lhe acreditar que fosse desgraçado o irmão de sua avó D. Carolina. Causam-lhe calafrios os tratadistas que lhe chamam *torturado*. Diz que só lhes falta acrescentar que o tio foi pobre de pedir, de mão estendida à caridade pública.

P.^o Luís é homem bem parecido de rosto e de maneiras. Não obstante o sacerdócio, é pundonoroso como fidalgo velho no capítulo família. Aceita os seus como foram. Defende-os do irrespeito de escritores atrevidos. Se Camilo zombou do próprio avô paterno, divulgando-lhe a alcunha de *Brocas* e explicando-a de modo muito broeiro, P.^o Luís não admite a zombaria. Pareceu-me até que nem reticência admite no julgamento de Camilo como homem de barro sublimado em homem divino graças ao talento. Aceita-o e defende-o como peça intangível. Nem o múnus lhe empece à admiração e defesa do romancista profano. É que o romancista foi o seu tio Camilo.

É tocante a fidelidade canina do P.^o Luís Castelo Branco à memória do seu antepassado. No prato de uma balança, equilibra-a... Evita que o outro prato desça ao Inferno carregado de autópsias nem sempre científicas.

P.^o Luís é um segundo Camilo no brilho do olhar e na língua apurada para a resposta rápida e fulgurante. Supõe-se o que foi Camilo quando se lhe ouvem ditos que fazem rir as pedras. Não se defenderá a si próprio quando defende Camilo? Se não fosse a ordenação, inda que não escrevesse, P.^o Luís espalharia à sua volta a ironia e até o sarcasmo de Camilo.

Mal posso referir-me à saudosa casa de Vilarinho da Samardã. Ficam para outra vez as minhas impressões.

Porque aqui não cabem, diga-se apenas que o P.^o Luís, homem de gosto, fez da velha moradia eremitério de artista. Cercou-a

de arvoredos e recheou-a de belos objectos. O padre pregador, entre sermão e sermão, é um delicioso de quanto agrade à vista e ao ouvido. Com 82 anos incompletos, porque nasceu a 29 de Novembro de 1884, parece um rapaz enlevado nas maravilhas do mundo.

Com ele parti para Ribeira de Pena. Almocei com ele na Venda Nova, em casa de meu colega e amigo Dr. Mário de Meneses. A cada um dos seus ditos, eu e o anfitrião piscávamos os olhos como se disséssemos: cá está o Camilo.

Depois do almoço, visitámos Friúme, terra antiga que está a desfazer-se por falta de habitantes. Só se vêem velhos e criancinhas sujas. Braços válidos não há nenhuns. Emigraram.

Friúme, que foi o mais importante lugar de Ribeira de Pena, é hoje uma desolação. Superlativo de tanto abandono é o pardieiro em que noivou Camilo. P.^o Luís envergonhou-se das pedras que presenciaram o estranho noivado. Não haverá quem deite mão a essas pedras e lhes dê um jeito, de modo que pareçam outra vez habitação? Pedem esse reparo. Friúme, não obstante a imundície das ruas e o vazio das casas, é sítio concorrido de gente curiosa da vida de Camilo. Boa vassoira naquelas ruas e carinhoso arranjo da casinha camiliana — eis o que pede Friúme.

Visitámos a casa da Moreira, donde Camilo saiu para casar com Joaquina. É um palácio comparado com o ninho nupcial. P.^o Luís, temperamento aristocrático, mal aceitou que seu tio Camilo o trocasse pelo cardenho armado em tálamo de noivos juvenis. Não lhe lembrou que o tugúrio se transfigurou... Mas, tirou-o de dúvidas um velho. Por entre o musgo da barba por fazer, disse: a casa do Sr. Camilo foi a outra.

Descemos ao rio Tãmega. Lá estavam as poldras *puídas e resvaladiças* de que fala Camilo na *Maria Moisés*. O Padre caiu em êxtase. Sentou-se numa pedra, à banda de cima das poldras,

e aí ficaria... Saiu de lá, puxado por mim, com os olhos húmidos. Digo puxado, mas deveria dizer convidado. Os 82 anos do P.^e Luís são leves como asas. Convidei-o para sair do rio. Iam sendo horas de eu o trazer, direitinho como o levara, à encantadora casa de Vilarinho da Samardã.

26 de Agosto de 1966

Uma Sombra Picada das Bexigas, Porto, 1973, pp. 71-74.

Canelas de Malta

Aquilino Ribeiro, entre a primeira e a segunda edição da mais deplorável das suas obras, o *Romance de Camilo*, precisou da *certidão de idade de Patrícia Emília de Barros*, menina raptada, em Vila Real, pelo futuro novelista do *Amor de Perdição*.

Quem romanceou, ao sabor da fantasia, a vida de Camilo, bem poderia ter dispensado aquele documento. Mas, se desejou possuí-lo, receou que não houvesse vila-realense disposto a socorrê-lo numa terra que considerou *broeira*. Temeu que Vila Real o mandasse à fava — com alguma razão. Vila Real, terra hábil para tudo, como Camilo escreveu, não poderia perdoar ao escritor serrano o labéu de estúpida, à força de muita broa de centeio acumulada no bucho.

Lembrou-se de mim, no seu aperto, o prodigioso intérprete do *Malhadinhas*. Recorreu à minha diligência de dedicado amigo e mau discípulo. Em menos tempo do que se leva a dizer, tinha na mão a cópia exacta do assento de baptismo da pobre rapariga. Tão pobre, que se deixou levar por homem casado, que tinha escrito, para a seduzir, o *Agostinho de Ceuta* — drama incendiário do seu coração. As tábuas de improvisado teatro vibraram menos, com as tiradas inflamatórias da peça, do que os nervos de Patrícia Emília, já preparados, de mais a mais, para o perigo das grandes comoções. Patrícia Emília, às vinte primaveras, tocando e cantando ao piano, já estava como havia de ir às mãos do sedutor. Teria feito, como agora se diz, a pré-anestesia.

Lá foi, caminho de Coimbra, vestida de chita e merino, para ajudar Camilo, com beijos e abraços, a formar-se em Direito. Mas, saíram-lhe os fados mosqueiros. Foi presa, com o raptor,

ao embarrar no Porto. *A mulher dos grandes sacrifícios*, como lhe chamou o sacrificador, esteve com ele na *relação* do Porto. Aí souberam o que é gaiola infecta as duas aves fugidas do Marão.

Deixemos o caso romântico para volvermos à certidão de baptismo nua e crua. Tive tanta pressa de servir com ela o pintor da Nave, que nem uma gota de sumo lhe extraí. Mandei-lha como saiu do Registo Civil.

Nesse documento, vi mencionada pela primeira vez, como Canelas de Malta, *Vila de Canelas de Malta*, a minha terra natal. Que surpresa! Tanto me inquietou, que só descansei quando pedi novo traslado do velho termo, escriturado em 1826.

Patrícia Emília de Barros apenas recebeu, na pia baptismal, o nome de *Patrícia*. É como reza a fotocópia que tenho agora diante dos meus olhos, com a letra do coadjutor António José Lopes da Graça reproduzida como num espelho. Linda letra, que fará crescer água na boca a um mendigo de Caligrafia.

Patrícia Emília, com nome e sobrenome, figura no registo paroquial com o título de madrinha. Era natural de *Vila Seca de Poiares*, do *isento* de Malta como Canelas. Toda a freguesia de Poiares era *isento* de Malta.

Padrinho da menina foi o Bacharel Antão Fernandes de Carvalho, natural de Vila Seca e residente em Vila Real, na freguesia de São Pedro. Era irmão da madrinha, que não assistiu ao baptismo. Fez-se representar, mediante procuração, pelo Bacharel António de Carvalho Cerqueira, natural de Canelas.

Carvalho Cerqueira é apelido extinto na minha terra natal. Terá pertencido aos antigos donos da casa onde nasci, ao fundo da Rua da Picota, ao pé da única fonte da povoação. Casa da Fonte...

Fernandes de Carvalho é apelido mal extinto, ainda hoje, em Vila Seca. Não há grandes anos que lhe deu brilho outro bacharel, homónimo do padrinho da menina Patrícia. Foi o grande advogado e homem público Antão Fernandes de Carvalho.

Parece que todos os nomes e todos os lugares, por linhas directas ou travessas, andam ligados a Camilo no distrito de Vila Real. Em Poiares, no princípio deste século, houve um *Brocas*. Parente de Camilo? É o que falta averiguar.

O motivo desta crónica não é Camilo. É o nome dado à minha terra no assento de baptismo da célebre Patrícia. O coadjutor da freguesia de São Pedro, de Vila Real, chama-lhe *Vila de Canelas de Malta*.

Este pomposo nome poderá lembrar aos canelenses de hoje o que foi, em tempos idos, a decadente Canelais. Sede de concelho e de julgado, embora não fosse sede de freguesia, perdeu os atributos do seu foro sem lhes acudir. Não lhes deitou a mão. Deixou arrasar o edifício da Câmara e arrasou, ela própria, o seu pelourinho. Onde param as pedras deste monumento?

Panóias, Canelas do Douro e Canelas de Malta... Gozou-se dos três nomes a minha terra natal. Hoje, não se lhe dá de ser considerada mero lugar da freguesia de Poiares. Não quer saber se teve ou não teve foral de D. Sancho. Não quer saber se deixaram rasto, no seu território, os fundadores do Teatro Português, os jograis Bonamis e Acompaniado. A terra dos Silveiras e Penetras perdeu o brio. É uma terrinha de muita gente, mas, sem cabeça que pense por ela.

A vila da Ucanha perdeu o foro. Sacrificou-se ao concelho de Mondim da Beira e, mais tarde, ao de Tarouca. Mas, teve um Leite de Vasconcelos, que sempre lhe chamou Vila da Ucanha. Canelas não tem ninguém. Não tem ninguém que lhe lembre o passado, onde brilhou, de espada nua, contra os franceses invasores, na Guerra Peninsular, o general Silveira — homem bruto, no dizer de Camilo, mas, façanhoso e pundonoroso. Dentro da sua rudeza, foi homem de carácter.

6 de Maio de 1972

Uma Sombra Picada das Bexigas, Porto, 1973, pp. 143-145.

Dia e noite

O *Tio João Pândego* — ninguém o conhecia por outro nome — era torto das pernas, devido ao reumatismo. Custava-lhe mais a andar do que a conversar. Mas, levantava-se de madrugada, ainda com estrelas, para chegar a tempo ao trabalho, que tinha certo lá em baixo, numa quinta arredia da povoação mais de meia légua. Tão cansado era, que lhe acontecia, por vezes, chegar mais cedo que os outros trabalhadores. Mais tarde é que nunca chegou. Caprichava em ser pontual para ganhar, de sol a sol, a sua jorna.

Mantença do *Tio João Pândego*, ao almoço, era um pedaço de broa, que levava de casa, numa saqueta, e uma sardinha salgada, muito pequenina, assada numas brasas, na lareira da quinta, por conta do lavrador. Tão pequenina era, que mal chegaria, para apressigar, até o fim, o seu pedaço de pão. Conseguia este milagre, fazendo-a suprir, comendo-a devagarinho, cibo por cibo, para se não dizer minuto a minuto. Procedia de tal modo, com tanta lentidão, tanto cálculo, que a última migalha de pão-milho correspondia ao grito da sardinha. Só visto...

O jantar do *Tio João Pândego*, ao meio-dia certo, marcado pelo sol, era uma tigela de arroz e uma tigela de caldo. Bacalhau, só em serviços puxados como a cava...

Com este passadio, tão magro como jejum rigoroso, trabalhava o dia inteiro o *Tio João Pândego*. À noite, ceava sozinho, à sua custa, no seu quartel de solteiro, nova tigela de caldo. E toca a deitar, para se erguer, de novo, com estrelas.

O *Tio João Pândego*, quando não pôde mais com as pernas, tão perseguidas pelo reumatismo, deixou de trabalhar. Mas, não deixou de ser alegre. Passou a viver de esmolas, porque não houve

asilo que o recolhesse. Nem asilo, nem qualquer outra espécie de reforma... De mão estendida foi como acabou o *Tio João Pândego*. Mas, no fundo do seu olhar, que foi azul, houve sempre alegria. Que riqueza!

Foi homem invulgar o *Tio João Pândego*. Natural de Mouços, Vila Real, trouxe de lá, quando veio trabalhar para o Douro, ainda moço, as tradições orais de uma província. Apólogos em forma de diálogo, repassados de muito sal erótico, seriam vergonhosos diante de senhoras. Mas, entretinha com eles os da sua igualha ou algum fidalgo que lhe desse ouvidos.

Alegre e divertido como era, mereceu até o fim o nome de *João Pândego*. Do catre onde jazeu, depois de entretiver, conversava alegremente com quem passava na rua, junto do seu quartel. Anacreonte rural, se não fazia versos, galanteava em prosa a rapariga que lhe levava a comida a horas certas. Faziam-lhe o prato os antigos patrões.

Se não eram tão divertidos, eram tão alegres como o *Tio João Pândego* os cavadores do seu tempo. Gracejavam uns com os outros à hora das refeições e até durante o serviço, mas, sem escândalo de maior. Se lhes apetecia dar folga ao corpo trabalhado, inventavam cobra, coelho ou rato que aparecesse no corte. Davam grandes risadas, procurando caçar o bicho imaginário.

Tão alegres eram, que nunca deixaram de festejar o São João e o São Pedro. Aos domingos, faziam leilões de cravos para música e foguetes. Às vezes, bebiam até cair. Matavam-se uns aos outros por questiúnculas. Mas, arrumada a pendência, esqueciam-na sem rancor. Não eram odientos entre si, nem odiavam a lavradoria. Viviam resignados, contentes, alegres como pardais que não quisessem ser pintassilgos.

Não quer isto dizer que não houvesse exceções. Trabalhador mais preguiçoso, com mais tendência para endireitar a espinha, deitar fato novo e beber a rego cheio, ia detestando

o proprietário. Às vezes, de noite, apedrejava-lhe os vidros da janela.

Mudou, quase de repente, esta paisagem moral. À alegria, ora latente, ora manifesta, no coração do cavador, sucedeu a tristeza. A medida que foi ganhando mais, comendo mais e trabalhando menos, foi entristecendo o jornaleiro como se caminhasse do dia para a noite. Não usa cravo nem serpão na orelha. Já não toca rabeça nem harmónio. Não distingue os dias festivos dos dias ordinários. Não os celebra... Deixa passar São João e São Pedro sem uma cantiga. É amargo como se mais quisesse para continuar insatisfeito.

Causa da reviravolta é a escassez de mão-de-obra, devida à emigração intensiva. Poucos braços tornaram-se tão inertes como exigentes. Consideram-se nascidos para receber sem dar. Como crianças mimadas, poisam a enxada ou arreiam o pulverizador ao mínimo capricho. É só lembrarem-se disso...

Ninguém pense no regresso ao tempo antigo. Não era justo que o trabalhador, dobrado sobre a terra o dia inteiro, só comesse vento e só bebesse água-pé. Se havia lavrador consciencioso, que lhe dava a melhor sardinha e o melhor caldo, lá vinha outro, em geral mais rico, dono de muitas quintas, que lhe dava sardinha podre e caldo sem adubo.

Tal tratito, tal trabalhito — dizia o trabalhador antigo. Mas, dizia-o como quem brinca. Trabalhava sempre.

Como se compreende que o trabalhador actual, nutrido e bebido como gente, repousado como se vivesse dos seus rendimentos, tenha perdido a alegria antiga? É tão triste como a linguagem que perfilhou, feita de rebotinhos de frases, cujo significado ignora. Deixou de falar natural e próprio para falar artificioso e sem propriedade. Usa termos sem alma e sem raízes. Parecem gerados, como ecos, na concha do ouvido. Saem de lá sem digestão nem assimilação.

Seria natural que o povo, mais mimoso agora, fosse mais feliz e

traduzisse em alegria a felicidade. Não traduz... É povo que não quer ser povo. Enquanto não for outra coisa, se outra coisa puder ser, não é nada. É uma substância sem espírito. Falta-lhe alguma coisa para ser alegre. Se lha pudéssemos dar...

28-6-69

Pó Levantado, Régua, 1974, pp. 69-73.

Nossa Senhora da Serra

O Marão azul, cheio de gumes e de barrocais, pedra preciosa multifacetada no anel de montanhas que me cercam — já eu o conhecia. Mas, conhecia-o de longe... Criei-me a olhar para ele, porque se avista da minha freguesia — Poiares da Régua. De perto, só no último domingo... Saí dos meus cuidados para o conhecer de mano a mano ou, melhor dizendo, pondo-lhe o pé em cima.

Agora, sim... Agora, posso dizer que conheço o Marão por dentro e por fora. Conheço-o por dentro e de cima a fundo, porque subi, no último domingo, ao topo onde assenta a capelinha de Nossa Senhora da Serra, cientificamente acompanhada de Radar e de Televisão. Estas duas grandiosas coisas, cada uma com seu posto, fazem sentinela à capelinha.

Quando ali cheguei, no último domingo, depois de caracolar, sobre precipícios, uma estrada nova, perdi a noção de ter subido. Pensei que tinha voado e que tinha descido para poisar na lua. O chão agro, a rocha parda, a esterilidade, o inóspito, a desolação, deram-me aquele sentir. As duas torres científicas, habitadas pelo Radar e pela Televisão, foram a meus olhos os padrões de conquista ali erguidos pelos astronautas. Confesso que me pareceu ter poisado na lua.

Ninguém há-de dizer que aquele topo agreste, num domingo de Julho, em cada ano, se povoa de mil povos. Dos arredores da serra, levantam-se as aldeias para ver a Senhora e oferecer-lhe cravos. Partem a cantar e chegam a cantar. São os descantes...

À parte a oferta dos cravos, é devoção de cada peregrino ver nascer o sol naquele dia. Rica devoção, prova que o povo ainda mantém, no subconsciente, restos de poesia.

Com o sol nascido no peito, purificado pela primeira claridade diurna, o povo entrega os cravos e desata a comer, a dançar e a beber. Romaria perfeita a da Senhora da Serra...

Agora, com os autocarros, estrada no trinque e à mão de rodar, a multidão de romeiros cai na serra como nuvem de gafanhotos. Mas, imagine-se o que foi a romaria no tempo do pé posto. Horas e horas de caminho nocturno, sobressaltado por sucessivos descantes e pelo cheiro dos cravos... Muita mocidade, muito sangue na guelra... Beleza antiga, que irá morrendo.

Eu, que conhecia o Marão desde que me conheço, mal o conhecia. No domingo, sim... Não é conhecer o Marão conhecer-lhe as faldas ou cheirar-lhe as fraldas — coisa feminina. Isto de andar de roda, sobre rico asfalto, olha à direita e olha à esquerda, para ver arvoredos ou terras semeadas, é o mesmo que percorrer os acessos de ponte nova sem a atravessar. É conhecer a polpa sem conhecer o osso. Osso do Marão é a lua que vi, nua como Eva, no último domingo.

Esse Marão bravo conhecia-o de vista desde a minha infância. Mas, só de longe o conhecia. Coberto de neve ou vestido de roupa azul, desde o azul marinho ao azul ferrete, às vezes de negro, esse Marão é meu. Entrou-me no sangue com o primeiro pão. No entanto, só no último domingo se confirmou a posse.

Deitei de lá o binóculo. Quis ver as terras donde o tinha visto. Poiares, parte de Canelas, Vila Seca, Galafura, Vila Real de lés a lés, vieram ter comigo dentro do binóculo. Terras de Armamar, terras de Além-Douro, também entraram. Mas, o *São Domingos*, o de Queimada, monte que me viu nascer, ficou-me fora do raio visual. Foi pena.

Paisagem despovoada não presta. Lamentei a falta de ermitão junto da capelinha. Nem ermitão, nem beata relacionada com Nossa Senhora da Serra. Ninguém! Ninguém, de chave na mão, para me abrir a porta da ermidinha. Nossa Senhora erma... Não sei que valor

terá a sua imagem. Tentei vê-la, espreitando pela fresta da parede principal. Mas, com os olhos cheios de claridade, não vi nada. Vi um buraco negro.

Ainda há carqueja. Pensei que a natureza se negasse a produzi-la desde que o homem a não queima. Desprezou-a no dia em que apagou o lume da lareira para acender o fogão eléctrico ou o de gás. No entanto, ainda há carqueja no Marão e ainda se aproveita. Obra de meia encosta, andavam a colhê-la mateiros e mateiras com o afã de quem cumpre obrigação devota — própria de domingo. Depois de roçada e atada em gabelas, iam-na acamando em medas semelhantes a paredes de obra começada.

Mateiros e mateiras foram os únicos seres que vi na serra. Eles e alguma ave fragoeira, que voava alto e ia de passagem. Foi pouco, mas, foi alguma coisa para animar a serra.

Agora, que o Marão carrancudo, cheio de gumes e ravinas, tem estrada nova, porque não há-de ser visitado? Bem o merece, que é belo. Com merenda ou sem merenda, vá o leitor até lá. Creia que lhe fará bem sair do chão diário para se elevar acima de si próprio. A mim, no último domingo, fez-me bem.

6-9-69

Pó Levantado, Régua, 1974, pp. 101-104.

Púcaros de Bisalhães

Foi bem típica, na minha terra, a *Fareleira*. Que me conste, não vendia farelo. Mas, vendia castanhas no Outono e, durante o Verão, aos domingos, alguidares de tremoços. Era mulher de negócio. Não era jornaleira, que trabalhasse nas vinhas como as outras mulheres do povo. Era uma exceção, talvez um pedaço de sangue judaico desviado para a minha terra com o seu egoísmo, isto é, com o seu amor à independência. Não teve patrão, de quem dependesse, nem criada ou paqueta com quem repartisse o lucro dos tremoços e o das castanhas. Mulher só... Não consta que tivesse tido, debaixo das suas telhas, nenhum homem. Nem marido, nem amante... Nem sequer rebento da sua árvore, filho ou neto de varão incógnito, bastardo ou bastardinho que tivesse trazido de fora, como se o tivesse cortado numa cepa, como quem diz roubado, para se deliciar com ele, comendo-o de beijos e acabando de o criar com açoitões. Mulher mais só, mais aferrada ao seu orgulho, nunca houve. Nem, depois de morta, quis incomodar ou ser incomodada. Não quis que ninguém andasse, de porta em porta, a pedir esmola para enterrar a *Fareleira*. Tinha em casa, debaixo da cama, o hábito e o esquife. Para pagar a quem a amortilhasse, e ao padre e sacristão que a encomendassem, deve ter deixado, pendurada de um prego, uma boa saqueta de moedas.

A primeira panela de barro preto, um tudonada micante, que eu vi na minha vida, foi a panela onde trazia as castanhas, para vender à dúzia ou ao quarteirão, a tia *Fareleira*. Castanhas cozidas, que são as mais saborosas, despachava-as num pronto, percorrendo os bairros da povoação, aquela mulher arguta para o negócio.

Era de Bisalhães, devia de ser de Bisalhães, a panela de castanhas da tia *Fareleira*. Se era escura, como o farrapo que a agasalhava,

deixando-lhe a boca livre para sair o vapor, não poderia provir de outra olaria. Bisalhães, no termo de Vila Real, era, por assim dizer, ao pé da porta.

Mais tarde, já o perfil da *Fareleira*, de farripas brancas debaixo do lenço negro, vogava noutros mundos, vim a conhecer panelas de Bisalhães no lar dos pobrezinhos. Mas, não eram bem panelas. Eram painelos, como que diminutivos de suas senhorias. Encostados ao borralho, vi-os muitas vezes, na santa missão de manter quente o caldo de uma velha ou o dele, o velho, que viria cear cheio de frio.

Em casas de lavrador remediado, ou até rico, também a panela e o painelo de barro tinham cabimento. Não conheciam outra vasilha as castanhas cozidas — imitantes às da *Fareleira*. E, se eram panelas grandes, ia nelas o caldo para a vinha. O caldo, feito em potes de ferro, lançava-se, com a gadanha, naqueles painelões. Dentro deles, marchava para a vinha, como alimento principal do cavador.

Certo é que se vendiam, na minha terra natal, panelas de Bisalhães. Certa velha, que meti num conto, aparecia em cada mês com um carregamento de tais barros. Não os venderia todos, mas, venderia alguns...

Nas feiras da minha região, apareciam, como ainda aparecem, os púcaros de Bisalhães. Chegam de véspera, à noite, em cargas desconhecidas, que fazem desaparecer, debaixo delas, o rosto das loiceiras.

Têm sua utilidade os vasos de Bisalhães. Mas, como a época se vai tornando menos simples, ou mais pretensiosa, as panelas velhas vão cedendo espaço às novidades. Deu-lhes na velhice o folclore convencional, que as obriga a florescer em bizarras, umas de bom gosto, outras de mau gosto. É terrível o folclore postiço, quando lhe sobe à cabeça o poderio e se põe a decretar lindezas pelos cotovelos. Oxalá não destrua a linha clássica, talvez milenária, da panelinha de Bisalhães. É tão delicada, que nasceu com o primeiro homem rude na sua primeira hora de delicadeza. Pegou no barro, pô-lo numa roda e pôs por obra um sonho.

Nunca fui a Bisalhães. Eu, que tenho a mania de visitar lugares humildes, nunca fui a Bisalhães. Andei por ali perto, há anos, tentando salvar da morte, com o meu débil pulso clínico, um tenório decrépito, mais escalavrado que o de Guerra Junqueiro. Mas, a Bisalhães é que nunca fui. Tem-se baldado, de anos para anos, o meu desejo de visitar aquelas olarias.

Fui lá ontem à noite. Melhor dizendo, veio até mim uma oficina de Bisalhães em forma de filme pequenino — filme de amator. Trouxe-mo a casa, para eu o ver, o meu colega e amigo Dr. Manuel de Magalhães, dado à filmagem e outras distrações quando os doentes o não asfixiam.

Vi a magra oficina com olhos apiedados da sua pobreza e, ao mesmo tempo, seduzido pela poesia do seu trabalho, feito ao ar livre, num terreiro, entre casas de pedra solta. Vi moer a quatro mãos, num cepo escavado, o saibro claro, que viria a ser o barro dos oleiros. Vi moldar, na roda primitiva, uma bilha em forma de pneu. As mãos donde saiu, em menos de um minuto, puseram-lhe, como quem brinca, as asas e o bico. Mãos prodigiosas...

Vi juntar a lenha e acender o forno, que mais me pareceu dispositivo de carvoaria. Dele saíram, temperados pelo fogo e denegridos pelo fumo, os barros de Bisalhães.

Espantoso, a meu ver, o desembaraço, o metódico frenesim, se assim se pode dizer, de toda aquela gente, que acudiu ao fabrico de todas aquelas peças. Obedeceu a uma inteligência tão exercitada, que se tornou instinto.

Aquela gente ainda não emigrou, ainda não enriqueceu. Se começa a emigrar, se um dia aparece rica, será um bem. Mas, pobre da arte, que morrerá à vista dos escudos. Adeus, roda movediça, donde se desprendem, num relâmpago, bilhas e outras graças.

2-9-71

Nuvens Singulares, Régua, 1975, pp. 85-89.

Friúme, Samardã e Ovar

A Hugo Rocha

Não há, no título, nenhuma incongruência. Friúme, Samardã e Ovar pertencem à nossa corografia literária, muito mal parada por culpa do nosso desleixo, pai e mãe da nossa imprevidência.

Pedi a tempo, nas colunas deste jornal,⁽¹⁾ que se acudisse à casa de Camilo em Friúme, chamariz de turistas literários ou apenas curiosos da vida de Camilo. Quando ali fui, pela primeira vez, caminhando a pé desde o lugar de Fontes, encontrei gente do povo, trabalhadores e trabalhadeiras, que não estranharam a presença da minha gravata naquele desvio de Ribeira de Pena. Poderiam estranhá-la àquela hora, naquela manhã de Verão adiantado, mas, ainda quente. Apenas a refrescava, ao longo do caminho, a sombra de altos choupos, carregados de vides. Mas, nem trabalhadores, nem trabalhadeiras, a estranharam. Tenho ainda no ouvido o eco de vozes que por ali escutei, ao pisar o granito daquela região.

— Vai ver a casa do Senhor Camilo? Vai ali muita gente...

Lembrei-me de salvar, como a vi pela primeira vez, a denegrada e quase arruinada casinhola em que noivou Camilo, aos 16 anos, com a camponesa Joaquina Pereira de França, filha do tendeiro Sebastião Martins dos Santos, natural de Gondomar e ali arribado para vender de tudo. Ninguém se lembra das antigas lojas de negócio de uma aldeia?

Tentei salvar, tanto neste jornal como em íntima correspondência de amigo para amigos, o improvisado ninho de Camilo e Joaquina. Casamento de pomba familiar com pássaro estranho,

(1) — *O Comércio do Porto*.

foi incompatível com a natureza. Mas, ainda assim, tentei evitar a completa ruína daquela relíquia camiliana. Porquê? Porque o noivo, pássaro estranho à tenda de Sebastião e ao espírito da noiva, uma inocente, veio a ser um escritor de génio.

Que me lembre, a minha tentativa só encontrou eco na cabeça e no peito do Dr. Mário de Meneses, autor do opúsculo *Camilo em Ribeira de Pena*. Mas, que pôde o Dr. Mário contra o descuido particular e oficial? Nada! A casa de Camilo em Friúme, tal como vem na capa do opúsculo, já não é aquilo. Não houve regedor nem camarista, nem pároco de freguesia, nem doutor de lareira, nem irmão das almas, nem sequer um especialista do decantado turismo alvorecente, não houve ninguém, pela palavra ninguém, disposto a acudir, com inteligência e força, àquele pardieiro em que noivou Camilo. Deu com ele, para o alindar, o dinheiro francês, que chama às férias *vacanças* e quer janelas *fenêtres* em todas as *maisons*. Não sei por que *fenêtres* terá sido substituída a varanda de pau que o leitor pode ver na capa do excelente opúsculo de Mário de Meneses.

Sempre que visito, em Vilarinho da Samardã, a casa por onde passou, como asa travessa, a irrequieta mocidade de Camilo, digo entre mim: por quanto tempo estará de pé e acarinhada como coisa camiliana? Vive ali o Padre Luís Castelo Branco, octogenário ainda lúcido e ainda válido. Mas, se um dia morre? Irá com ele o amor cego à memória de Camilo. Não é possível sobreviver, seja em que pessoa for, mais acendrado apego à sombra de um antepassado. Na descendência directa de Camilo, não há quem o defenda com tanto ardor como aquele sobrinho. Quem disser mal de Camilo ofende-o na alma e na sobrepelez.

Não é crível que o Padre Luís Castelo Branco, erecto e firme como um castinheiro, venha a tombar de um dia para o outro. Mas, pode acontecer... E, se acontece, quem virá habitar, com aquele zelo de guardião que não dorme, aquele eremitério?

Sem desfazer na boa vontade camiliana de qualquer futuro herdeiro do Padre Luís Castelo Branco, vejo tremido, como valor turístico, no mapa literário, aquele eremitério. Se hoje o visitam, mais do que o meu leitor imagina, curiosas pessoas portuguesas, e até estrangeiras, quem o visitará amanhã? Pensem na resposta os poderes públicos, nomeadamente os poderes públicos vila-realenses. Vilarinho da Samardã é freguesia do concelho de Vila Real.

Em Ovar, aquela casinha de porta e janela, no antigo Largo dos Campos, onde Júlio Dinis esteve a ares e onde escreveu, como quem pinta do natural, os principais quadros das *Pupilas*, ainda hoje se pode visitar. Ainda se pode ver a cama onde dormiu Júlio Dinis. Mas, estará segura, para todo o sempre, a cama e a casinha? Pense nisto Ovar, que tanto quer progredir em matéria como em espírito.

É meu voto que não suceda a Ovar, nem a Vilarinho da Samardã, o que sucedeu a Friúme.

4-9-71

Nuvens Singulares, Régua, 1975, pp. 91-94.

Carne de açougue

Cumpra a quem escreve ser filho da sua terra e ir deitando ao papel memórias do seu tempo. Assim tenho feito quase sem pensar naquilo que tenho feito. Quem me lê é que me vai atribuindo, uma vez por outra, funções de memorialista.

Consciente do que se vai passando à minha volta com a carne de açougue, poderei comparar, a esse respeito, o dia de hoje com o dia de ontem.

Pergunto a mim mesmo para onde foi, onde é que pasta agora, o antigo carneiro duriense. Era, comprado na Régua, tão sucoso e tão saboroso, que passava por vitela. Iludia as papilas menos dispostas a comer gato por lebre.

Gente presunçosa, sentando-se à mesa dos hotéis, dos antigos hotéis que por aqui havia, logo declarava que não comia carneiro. Exigia vitela ou preferia ficar em alvo quanto a proteínas.

— Não, senhor... Não é carneiro o que vai comer. É vitela de se lhe tirar o chapéu. Vai ver...

Isto dizia-o, com a mão no peito, o criado ou criada dos antigos hotéis da minha vila. Dizia-o tão firme, que não receava o troco da mentira. Sabia que o sujeito, regalando-se com o carneiro, viria a elogiá-lo com palavras quentes, sinceras, límpidas como água que brotasse de fonte cristalina.

— Vossemecê tinha razão. Nunca, em minha vida, comi vitela que melhor me soubesse.

Dizia assim, com a mão no peitilho gomado, o hóspede distinto ou que pretendesse passar por distinto fora de sua casa, sentado à mesa redonda do hotel provinciano.

Hóspede fino ou grosso, que passe por aqui de raspão ou aqui permaneça, nestes nossos dias, não encontra carneiro que passe

por vitela nem vitela que passe por carneiro. Encontrará carne de porco e, como carne de vaca, um sucedâneo que lhe fala estrangeiro e se recorda, com uma espécie de saudade negra, de longínquas pradarias ou longínquos estábulos. Se for doente de estômago e o estômago lhe peça de comer, desviará os olhos do porco tentador para ingerir, de olhos fechados, a carne saudosa de país remoto. Para se manter de pé, esquecerá o regalo para meter à boca seja o que for. Pedras que fossem as engoliria.

Vaca e vitela de Vila Real tinham tanta fama como o toicinho-do-céu e os pastéis folhados, reminiscências doces de mão de freira vila-realense. Quem fosse à Vila, saindo de manhã cedo de qualquer aldeia do seu aro, trazia para casa, como grande mimo, um quilo de vaca ou de vitela. Hoje, o mais que poderá trazer é alguma doçaria. A boa carne de Vila Real foi excomungada, e com razão, porque a carne, dizem os teólogos, é o terceiro inimigo da alma.

A vitela de Vila Pouca de Aguiar rivalizava com a do Vale de Lafões. Dizem os entendidos que sim, que rivalizava com a do Vale de Lafões. Assim seria... Mas, vão lá hoje comprá-la! Dois talhos que ali havia, com vitela pronta para despachar, fecharam. E com eles se foi uma das carniceras, mulher tão linda e tão elegante, que parecia extraída das telas de Watteau.

Quase no fim do último Verão, conversei nas Pedras Salgadas com o antiquário que ali vende ou expõe, dentro do Parque, preciosas gravuras e faianças. Homem de boa figura e boas falas, inteligência e sensibilidade alerta com os problemas da sua região, falou-me da batata, que ninguém quer cultivar, porque ninguém a pode vender ao preço da tabela. Falou-me da emigração, que deixou quase deserto o seu e meu distrito. Quanto a carne, o horror dos horrores...

Disse-me que havia, no Vidago, três ou quatro talhos. E agora? Disse-me o antiquário que não há nenhum. Os marchantes deram de mão ao cepo. Mudaram de ofício e emigraram.

Se eu fosse economista político, tão proficiente como o Dr. Pacheco de Amorim, que divulga nesta folha,⁽¹⁾ com a maior clareza, as suas opiniões, poria o dedo na ferida que ulcera a carne de comer no meu distrito. Como não sou economista, limito-me apenas, como observador, a reparar nos males públicos e a fixá-los, como cronista, nas minhas pobres tiras de papel — em *mis cuartillas*, como diz o espanhol. Assim procedo, porque penso cumprir assim uma das minhas múltiplas obrigações.

Costuma-se dizer, na minha terra, que passa de cavalo a burro quem perde regalias. Boas regalias temos perdido e boas regalias temos ganho, eu e os meus vizinhos, para cá da serra do Marão. Mas, nisto de carne fresca, nossa e muito nossa, que não importada e reduzida a pedra, creio que passámos de cavalo a burro. Seja por alma dos nossos defuntos!

20-11-71

Nuvens Singulares, Régua, 1975, pp. 115-118.

(1) — *O Comércio do Porto*.

Morreu o Padre Luís

Faleceu no dia 7 do corrente, na sua casa de Vilarinho da Samardã, o Padre Luís Castelo Branco.

Morreu com perto de noventa anos. Mas, não conheceu a decrepitude. Não morreu velhinho. Morreu velho sem que ninguém lhe notasse o penoso caminhar de quem se arrasta, ainda que não queira, até à sepultura.

Dizia ele, pouco antes de morrer, que receava sair de casa. Não queria que o prendessem por ser velho demais e andar cá por fora sem licença. Bem escusava de ter esse receio, porque ninguém lhe dava mais do que sessenta anos muito frescos, muito leves — sessenta anos com asas para todos os voos.

Pregador de fama, passou a vida a pregar. Ia morrendo no púlpito. Não há grandes meses que saiu a pregar para as bandas do Porto — se não estou em erro.

Sobrinho de dois conselheiros, cada qual com seu poderio, no crepúsculo da Monarquia, teria sido bispo se quisesse ser bispo. Mas, não quis ser mais do que padre. Nem as meias vermelhas de cónego lhe apeterceram nem sequer a vara de pastor paroquial. O cabeção, que usou até o fim, não era coleira que o prendesse a nenhuma espécie de disciplina. Padre sem peias, em Vilarinho da Samardã, isso, sim... Optou por esta posição como soldado que não quisesse divisas. Feitio individualista, cioso de liberdade? Creio que sim. Terá herdado de Camilo, seu antepassado, a sede de desafogo — não obstante a roupeta.

Não o conheci como pregador. Mas, aconteceu que vim a conhecê-lo como homem disposto a conversar com o mundo. Recordo uma ida a Friúme, em sua companhia, num artigo aqui

publicado (x) em Agosto de 1966. Esse artigo, perdido ou meio perdido na imprensa periódica, incluí-o na colectânea intitulada *Uma Sombra Picada das Bexigas*.

Terei de repetir agora um ou dois passos daquele meu passeio. É obrigatório, porque o tema, por assim dizer, não variou. Mas, ficarei satisfeito se lhe der expressão nova.

A natureza, que negou a Camilo o dom da formosura, parece que se arrependeu no Padre Luís Castelo Branco. Deu-lhe belos traços... E, para melhor vincar o arrependimento, meteu-lhe dentro do crânio o espírito de Camilo. O Padre Luís, não obstante o traje sacerdotal, morreu camiliano de todo na ironia, na troça e até na língua expedita para replicar de modo perfurante. Mas, alto lá, também morreu camiliano de todo na afectibilidade. Foi generoso como poucos homens.

No trato social, não incomodava crente nem descrente com a ponta de uma palavrinha. Tingia a sotaina de tons róseos para conversar com o leigo. E entretinha-o com graças e mais graças de cunho camiliano. Faria rir as pedras se conversasse com elas.

Camilo, que continua no pretório, perde neste sobrinho um grande defensor. Que falta lhe não fará o patrono que negava um por um os pontos da acusação? Vai-lhe fazer muita falta. Dirá que nunca se viu patrono mais fervoroso. Dirá que o sobrinho despia a chimarra para envergar toga vermelha.

Cegueira assim é discutível. Mas, não deixa de ser virtude. Compensará do prejuízo contrário, que é acusar Camilo sem lhe conceder nenhuma atenuante.

O Padre Luís Castelo Branco morre na casa onde Camilo passou dois anos felizes da sua mocidade. E a casa donde fugia para conversar com os montes, namorar pastoras e atirar aos lobos com errada pontaria.

(x) — No *Comércio do Porto*.

A casa de Vilarinho da Samardã era visitada por toda a espécie de gente, douta e indouta. Iam ali estudiosos de Camilo ou apenas curiosos da vida romanesca de Camilo. Passaram por ali portugueses e estrangeiros. De uma das vezes que visitei o Padre Luís, ainda ali me cheirou a espírito gaulês. Tinham pisado aqueles soalhos umas francesinhas universitárias, doutorinhas de Paris com o rosto apontado à obra de Camilo.

E agora? A casa de Camilo, em Vilarinho da Samardã, ficará desabitada. Não será fácil a camilista ou camilianista subir-lhe as escaleiras e transpor-lhe os umbrais. Será impossível esta romaria se não houver no ermo outro guardião.

Receio que aconteça à casa de Camilo, em Vilarinho da Samardã, o que aconteceu à casa de Camilo em Friúme. A esta aconteceu o que pode haver de mais bonito. Em vez de restauro, sofreu metamorfose. Deu-lhe aparato o dinheiro francês dos emigrantes. Ninguém lhe acudiu, porque não chegava a Ribeira de Pena a jurisdição turística da Serra do Marão. Ninguém escutou o alerta de um pobre camiliano. Quem não tem pé não pode dar coice.

Se a casa de Vilarinho da Samardã vier a sofrer dano ou abandono, de quem será a culpa? Vilarinho da Samardã pertence ao Turismo da Serra do Marão. Se a vivenda de Camilo se perder, não dê esse Turismo como desculpa a falta de jurisdição. Por falta de jurisdição e de vontade, perde-se muita coisa.

Não perca de vista a casa de Camilo, em Vilarinho da Samardã, o Eng.º Pedro Alvelos, presidente da *Comissão Regional de Turismo da Serra do Marão*. Tanto mais, que é apaixonado camilianista.

17-3-73

Pontos Finais, Régua, 1975, pp. 19-22.

O testamento do general

Creio que não foi grande coisa, como inteligência, o general Silveira. Camilo dá-o como boçal — no sentido de bruto.⁽¹⁾

Se assim foi, não poderei orgulhar-me, como homem de letras, de ter como patrício o general Silveira. Ambos nascidos em Canelas do Douro, mais velho ele do que eu uma bagatela de cento e trinta e seis anos, gostaria agora de o recordar como estrela acesa no céu da minha terra. Gostaria de o trazer para aqui, depois de o exumar da capela do *Santo*,⁽²⁾ onde tem o carneiro, e mostrá-lo aos meus leitores como grande poeta, grande escritor ou grande sábio.

Mas, só o talento e o saber é que valem? Penso que não. O general Silveira, se não deixou memória de engenhoso nem culto, deixou memória de valente e bom. Do tempo em que o carácter valia alguma coisa, deixou um luminoso rasto de carácter. Foi homem de um só rosto, uma só fé, de antes quebrar que torcer — como diria dele o honrado Sá de Miranda se pudesse levantar-se da cova quinhentista para o elogiar entre o século XVIII e o XIX.

Não se virou para o sol que nascia em 1820. Manteve-se fiel à crença absolutista, não obstante o convite que lhe fizeram os revolucionários para os acompanhar na poderosa arrancada liberal. Receou desonrar-se, bandeando-se com os adversários de uma bandeira que servira com lealdade e lhe premiara os serviços com o título de conde. O defensor da ponte de Amarante, contra a devastadora tropa de Loison, não quis mais loiros, em 1820, do que os recebidos como soldado. No entanto, não houve ninguém mais liberal, na acepção de generoso, do que o general Francisco da Silveira.

(1) — No romance *A Enjeitada*, 1.º capítulo, diz o escritor: Estava presente o general Silveira, a coisa mais redondamente portuguesa, leal e valente que deu o século.

(2) — Abreviatura de *Espírito Santo*. Usa-se em Canelas.

Vila Real, onde residia, deve-lhe a fundação do Hospital da Divina Providência. Pobres e peregrinos, recebidos em mísero albergue, donde trasbordavam para a sombra de uma arcada, com a mão estendida a quem lhes desse remédios e esmolos, passaram a usufruir um belo edifício. Tão belo e tão amplo, que nele funciona, ainda hoje, a Câmara Municipal. Tem, como reminiscência da arquitectura do século XVIII, uma formosa escadaria.

O hospital, fundado por Silveira, ainda capitão, mudou há poucos anos, é modo de dizer, para o grande prédio do antigo Colégio de Nossa Senhora do Rosário — fundado por Monsenhor Jerónimo do Amaral.

Homem rico e de costelas azuis, não tinha grande prosápia, como quem diz bazófia, o general Silveira. A casa que os pais mandaram construir em Canelas do Douro tem duas pedras-de-armas, que são dois colossos. O palácio que levantou na rua do Sabugueiro, em Vila Real, não tem pedras-de-armas. Embora inacabado em panos secundários, não se lhe vê na frontaria o selo nobiliárquico. É, por assim dizer, um palácio burguês. Obra bem lançada, parece que se envergonha de dizer: aqui estou.

Homem modesto, o general Silveira... Recusou a homenagem que os vila-realenses lhe quiseram prestar depois de expulsos do nosso território os últimos franceses espoliadores. Recusou o *carro triunfal*, dizendo que apenas desejava assistir à *Festividade da Restauração*. Desejaria que fosse luzida, mas, como acção de graças a Deus. *Tudo para ela e nada para mim* é como remata a recusa.

Mas, onde melhor se reflecte a alma límpida do general Silveira é no testamento que ditou a 25 de Maio de 1821, quase em artigo de morte, porque morreu daí a quatro dias.

Testamento breve, nele deixou disposições que contribuem para o engrandecer. Testamento de homem bronco, se é que foi bronco, nele se revela um coração lavado.

Quis que o amortalhassem no burel de S. Francisco — santo dos santos do cristão humilde. Não quis veneras em cima desse hábito — a não ser a de Cristo, por ser professo na Ordem.

Como homem são, garantiu o passadio e o decoro a um filho natural, que vivia com ele. Pede a seu filho Manuel, filho legítimo, que lhe *mande vir a sua perfilhação*. Pede-lhe que o trate como irmão verdadeiro.

Lembra-se do criado Manuel de Moraes, que o acompanhou em todas as batalhas e lhe assistiu em todas as doenças. *Quer e manda* que lhe paguem a conta que apresentar e, sobre a conta, lhe paguem em metal a quantia de *duzentos mil reis*.

Consente que Manuel de Moraes continue a viver debaixo dos seus tectos como *adido*, não como *criado*. Recomenda que lhe dêem cama e mesa, *com toda a decência*, enquanto ele quiser.

Suponho que as cinzas de Manuel de Moraes se juntaram às de seu amo na capela do *Santo*, em Canelas do Douro. Creio também que numa galeria de retratos da família Silveira passou a figurar, ao lado do general, o impedido. Se bem me lembro, como diz o professor Nemésio, vi os dois retratos na famosa casa de Várzea de Abrunhais — hoje vazia, tristemente vazia, de maravilhoso recheio.

É crível que tenha sido boçal, como disse Camilo, o general Silveira. Mas, também me parece que a boçalidade, se for activa no sentido do bem, deixa de o ser. A bondade, a caridade, o senso da justiça e o amor do próximo, se não forem inertes, são porventura transcendentais formas do entendimento.

2-2-74

Pontos Finais, Régua, 1975, pp. 119-122.

Testemunho

Antes do 5 de Outubro, no meu concelho, haveria apenas três republicanos activos ou exaltados — como então se dizia. Vieram a ser conhecidos, na retórica do tempo, romântica impenitente, como *republicanos históricos*.

Mal amanheceu o 5 de Outubro, os três republicanos activos, contados pelos primeiros dedos de qualquer mão pacífica, deram de si *três mil*. Multiplicaram-se ainda mais do que os pães de Cristo.

Meu pai, republicano de sempre, como o Cardoso Mirandela e o Dr. Antão de Carvalho, tinha pertencido ao tal triunvirato dos *exaltados* no concelho do Peso da Régua. Consideraram-no *histórico* ou ele mesmo se considerou *histórico* no dia seguinte à revolução.

Meu pai, nomeado administrador do concelho, levantou-se da cama, onde convalescia de operação cirúrgica, para tomar posse do melindroso cargo. É sempre melindroso, depois de uma vitória, o exercício de qualquer função administrativa. É preciso tentar, tactear, desconfiar, aceitar ou repelir para se não perder o pé vitorioso.

Mas, aonde quero ir é à onda dos adesivos, que afogaram ou iam afogando o meu pai nos primeiros tempos de regedoria. Eram tantos, que ninguém os pôde contar. Eram os velhos caciques da Monarquia, eram os que nunca tinham sido nada, eram os macróbios que queriam continuar a mandar e algum novo esperançado em ser alguém com a política nova. O *azul e branco* do meu concelho cobriu-se de papoilas, artificiais em Outubro, para se apresentar diante do meu pai.

Jornalistas e poetas, inteligências sertanejas, que tinham reverenciado a Monarquia, aos vivas, desataram, de um dia para o outro, a ulular vivas à República.

Na capital do distrito, deu-se em ponto grande a metamorfose política surpreendida por meu pai no meu concelho. O Adelino Samardã, governador civil, ia ficando sem a barba, que lhe puxavam por ela, para o acordar, os maiores concelhios, temerosos de perder a vara com que tangiam os povos antes do 5 de Outubro. Pintaram-na de vermelho para que o Adelino, embora cego de um olho, a visse rutilar. Que linda vara! Adelino Samardã, homem inteligente, benquisto em Vila Real, redactor do *Povo do Norte*, que ajudara a derrubar a Monarquia, não deixou de ser vila-realense legítimo, com o seu quê de garoto na pupila do olho único, ao ver-se esmagado por tanto adesivo. Eram tantos, tantos, tantos os novíssimos facciosos da sua facção, que lhe saiu do corpo de gnomo, bebedor de café, uma piada fina.

— Estiveram todos na Rotunda, menos eu e a D. Amélia.

Foi o que disse ou dizem que disse o Adelino Samardã — homem esperto, culto e sensato. Vila Real ainda hoje lhe sente a falta. Era uma peça do xadrez local.

Diga-se agora o que se puder a respeito de mimetismo político. É tão natural como o outro, o dos insectos, que se confundem com a casca da árvore onde poisam para os não devorar o pássaro bisnau. Passam despercebidos.

Nada há mais natural que o disfarce do bom camaleão. Cheio de medo à morte, que o espreita de todos os cantos, como ser vivo que se preza de ser, muda de tons e reflexos para lhe escapar. Muda de aspecto com mais facilidade do que muda de camisa. O esperto e tímido camaleão...

O polvo, tão injuriado pelo Padre António Vieira, é mestre dos mestre dissimuladores. Dissimula com o capelo, fazendo-se santanário, ou com o lodo de que se reveste para iludir a tropa inimiga. Só assim a pode papar se for constituída por caranguejos.

O homem, em tempo de guerra, imita no mato o insecto e o camaleão. Em água, com uma palheira ou um periscópio nos dentes,

consegue manter-se vivo durante o conflito ameaçador. Passado este, vem à superfície, todo lampeiro, como se dissesse: fui um herói.

Se regressarmos do mundo largo ao mundo estreito, onde vamos comendo o pão de cada dia, logo se nos depara, na porca de Murça, uma lição.

A porca de Murça, no tempo da Monarquia, mudava de cor se mudasse o governo. Daí o dizer-se do troca-tintas: é honrado como a porca de Murça.

Mas, à porca não se lhe dava do símile. Era uma flor que lhe lançavam em rosto. Ia vivendo, ia contempORIZANDO com os enxovalhos.

É porca de Murça o homem comum. Só os grandes caracteres escapam a esta regra. Mas, os grandes caracteres são anomalias estranhas à natureza. São o polvo sem lodo e sem capelo.

1-6-74

Pontos Finais, Régua, 1975, pp. 147-150.

Custódio José Duarte

Este nome, Custódio José Duarte, pouco ou nada dirá a ouvidos portuenses de hoje. Mas, no tempo da *Grinalda*, jornal de poesias publicado no Porto desde 1855, dizia muito. Custódio José Duarte ou apenas Custódio Duarte, nascido em Vila Real de Trás-os-Montes a 16 de Junho de 1841, estudava e poetava, aí no Porto, entre 1860, salvo erro, e 1865, ano em que defendeu, na Escola Médica, a tese intitulada *Responsabilidade Médico-Cirúrgica*.

Em 1863, quando a linda *Emília*, Emília das Neves e Sousa, representou no *Baquet* uma das suas peças, os estudantes do Porto deliraram. Sagraram deusa a grande trágica, fazendo marulhar uma torrente de versos.

Custódio Duarte colaborou na apoteose com um hino e outros epinícios. O hino, tocado pela orquestra do *Baquet* e entoado em coro pelos estudantes, ninguém o lerá hoje sem aborrecimento. Versos de nove sílabas, com acento forçado na terceira, sexta e nona, morreram de tédio na lira portuguesa. Quanto às demais composições do bardo trasmontano, só quem for assassino as poderá matar. Custódio Duarte, corifeu entre nós do verso alexandrino, à Vítor Hugo, não envergonhou o grande mestre francês.

Feliz o que no berço abraça em sonhos vagos
Um fantasma de fogo e acorda pensativo!

Guilherme Braga, contemporâneo de Custódio José Duarte, define-o assim:

Custódio, alguém que sonha e pensa todo o dia
Na igualdade e no bem, no amor e na poesia;
Coração que se abriu, como o lírio do val,
Aos raios do luar, aos raios do ideal;
Que busca a inspiração no longínquo e no vago,
Que toma quase sempre a atitude dum mago,
Perguntando o caminho às estrelas do céu,
E tem para cantar um modo todo seu.

Também me parece, como a Guilherme Braga, que tinha veia própria, além de inesgotável facúndia, hoje tão seca nos tangedores de lira, o Custódio José Duarte. Nas poucas poesias em que pude lê-lo, vi que tinha pulso e, além de pulso, melodia e harmonia — sem dissonância nem incongruência. Era poeta e artista.

Depois de formado, largou para o Ultramar. Alberto Pimentel, no memorial intitulado *Vinte Anos de Vida Literária*, dá-o na Índia, como professor de várias cadeiras na Escola Médica de Goa. Mas, onde veio a firmar-se, como servidor de tomo, foi em Cabo Verde. Aí cumpriu grandes obrigações de médico português. Com a maior inteligência e o maior denodo, combateu epidemias de varíola, cólera e febre amarela. Como homem de letras primoroso, tão elegante no verso como em prosa, deixou inéditas duas obras etnológicas muito importantes — *História de Cabo Verde e Notícia Histórica dos Crioulos em Cabo Verde*. Se continuam inéditas, como presumo, é pena.

Poeta nato, continuou a poetar em Cabo Verde. Mas, homem doente, homem melancólico, pediu à hora da morte, em S. Vicente, que lhe deitassem ao mar os manuscritos — arrecadados num cofre.

Certo é que a família lhe obedeceu. Em lugar por ele apontado, cumpriu o testamento. Sepultou o cofre nas águas de S. Vicente.

Bem melancólico, bem neurasténico, foi sempre o irmão de Custódio José Duarte — o grande poeta Manuel Duarte de Almeida. Mas, se nunca juntou em livro as suas produções, não as mandou afogar. Dispersas em jornais e opúsculos, saíram do limbo em 1933 numa colectânea organizada e prefaciada por Ricardo Jorge.

Antes de morrer, em 1914, já o poeta segredara a Júlio Brandão o título que daria ao seu livro se o publicasse. Chamar-lhe-ia *Terra e Azul*.

Ricardo Jorge, sabedor da confiança, livrou-se de apuros, dando à colectânea o título apetecido por Manuel Duarte de Almeida. *Terra e Azul* é um belíssimo livro, ricamente prefaciado por Ricardo Jorge.

É muito menos feliz a memória poética de Custódio José Duarte, irmão mais velho de Manuel Duarte. Às poesias submersas no mar de Cabo Verde ninguém acode. Mas, talvez se possa acudir aos esparsos derramados nos jornais do Porto — nomeadamente a *Grinalda*.

Lembrou-se de juntar esses esparsos, num livrinho prefaciado por mim, o meu amigo Fernando de Azeredo Antas — neto materno de Custódio José Duarte. Mas, ou a doença o contrariou ou lhe foi impossível encontrar beneditino capaz de desencantar e copiar, nas bibliotecas, os versos do Avô.

Se eu não vivesse num eremitério, longe dos arquivos como num deserto, honraria a memória do meu amigo, mandando-lhe para o outro mundo a obra do antepassado. Mas, com que título? O acaso mo depararia como protector de padrinhos aflitos.

13-7-74

Pontos Finais, Régua, 1975, pp. 157-160.

Teatro de amadores

Dizia Camilo que em Vila Real há gente para tudo. Queria ele dizer que em Vila Real há espertezas inatas, capazes de dar boa saída em qualquer espécie de empreendimento. Disse-o a propósito do *Agostinho de Ceuta*, peça que escreveu em anos juvenis e fez representar, por amadores vila-realenses, num teatrinho que se erguia, segundo cremos, aí pelo fundo do antigo Campo. Ficaria situado, se não estamos em erro, a meia dúzia de metros dos actuais Paços do Concelho.

Camilo, génio incipiente, não teve dificuldades em escrever a peça nem lhe custou encontrar aptidões capazes de a interpretar. Havia, em Vila Real, aptidões para tudo.

Havia e há. Não só em Vila Real como em toda a província trasmontana. O que porventura falece aos naturais é força de vontade artística e literária. São talentosos, mas, dado o primeiro arranco, *deitam-se nos odres* — como eles dizem.

No capítulo *teatro de amadores*, quer no distrito de Vila Real, quer no de Bragança, há tradição de grandes habilidades. Passou de pais a filhos a memória de grandes actores natos. Pisaram os palcos de Bragança figuras histriónicas tão perfeitas, que mereceram o aplauso de profissionais. Uma artista de S. Mamede de Riba-Tua fez descer de espanto, até o papo, a soberba queixada de Augusto Rosa. Em Guiães, um cavador analfabeto imitou uma velha com todos os tiques da velhice feminina aldeã. Foi exacto e pormenorizado como só o seria, no seu tempo, um Ferreira da Silva.

No concelho do Peso da Régua, também deitou suas raízes, embora magras, o *teatro de amadores*. Ainda hoje se realizam as *comédias* de Vila Seca a ainda há quem recorde as de Covelinhas. Na sede do concelho, no último quartel do século passado e no

primero quartel do século actual, o amadorismo cénico foi coisa séria. Houve, como em Bragança, amadores dignos de ombrear com gente do ofício.

Já em nossos dias, a tradição se reatou com amadores da vila e de Fontelas. Mas, foi sol de pouca dura... Cumpre reanimá-la, soprando-lhe às cinzas. É preciso recriar, aqui na Régua, um ou dois grupos de curiosos dramáticos. Mas, grupos que não morram. Bastará, para os aviventar, que os quadros se rejuvenesçam como os da tropa.

Toda a gente diz que o teatro é uma escola. Boa escola é se for dirigida com sabedoria.

Novembro de 1962

Pátria Pequena, Régua, 1977, pp. 159-161.

As últimas amoreiras

Não cabe aqui a história do bicho-da-seda nem a do tecido proveniente do casulo. Essas duas histórias, a natural e a industrial, deparam-se ao leitor nas enciclopédias. Procure-as, leia-as — se tiver disposição para esse mínimo esforço.

Lembre-se aqui apenas que Portugal, entre os países da velha cristandade, foi o primeiro que produziu a seda. E veio a suceder que Trás-os-Montes foi a província que mais seda produziu durante séculos. Houve fábrica em Chacim e importantes filatórios noutros povoados. Mas, em qualquer casa rural se cultivava o bicho. Dava dinheiro e era fácil de criar. Trás-os-Montes manteve, de pais a filhos, a tradição dessa cultura. Outras províncias quiseram imitar Trás-os-Montes, mas, sem resultado profícuo. Trás-os-Montes, principalmente Bragança, foi empório do sirgo. Pobre insecto, a troca de folhas de amoreira, seu único alimento, enriqueceu Trás-os-Montes.

Tão importante foi, na economia dos povos, o fabrico da seda, que se desvelaram por ele os antigos reis e, mais tarde, outros governos. D. Sancho II, D. Afonso V e o Marquês de Pombal figuram na lista dos seus benfeitores. Mandaram plantar e proteger amoreiras.

Mas, não há bem que sempre dure. No século XVIII, apareceram nas sirgarias de França várias doenças que dizimaram o bicho. Essas doenças, a pouco e pouco, propagaram-se a Portugal. Mas, enquanto aqui não chegaram, Portugal fez grande negócio com a França. Vendeu-lhe sementes e casulos saudáveis.

O sirgo trasmontano resistiu à epidemia por obséquio da natureza. Foi-lhe propício o clima. Atribuiu-se a resistência à qualidade da folha. Mas, não havia folha que chegasse na maré alta

das exportações. Fome e má higiene das oficinas enfraqueceram o bicho a ponto de contrair a peste.

Neste conflito, acudiu à seda o governo português, mandando plantar amoreiras nos baldios, praças públicas e caminhos. À parte outras provisões, insistiu no plantio da amoreira branca, porque a preta não serve. O bicho é esquisito.

Devem datar de 1863 as últimas amoreiras que nós por aí vemos, na estrada de Lamego, na do Rodo e na de Vila Real.

A indústria do sirgo foi suplantada pela indústria da seda vegetal. Mirandela, é dos nossos dias, quis reacender a tradição do sirgo trasmontano. Foi modelo de escolas, para esse efeito, a Estação Sericícola de Meneses Pimentel. Ensinou a cultivar o bicho e apurou sementes. Mas, desistiu, que não valia a pena. Portugal abandonou uma cultura que, noutros países, ainda é fonte de receita. Não há seda como a seda natural.

Tornemos às nossas amoreiras. Inclínadas e carcomidas, ainda se revestem de esplêndida folhagem. Lembram, à beira das estradas, uma riqueza perdida. Mas, outra riqueza adquiriram. E a riqueza da decrepitude em flor. É a venerabilidade. Haverá quem proteja as últimas amoreiras?

À memória de uma indústria poética extinta deveria erguer-se um monumento. Seria, em cada cidade, vila e aldeia dos nossos sítios uma rua plantada de amoreiras. As amoreiras são ornamentais, ó municípios!

Setembro de 1964

Pátria Pequena, Régua, 1977, pp. 195-197.

Não pode ser

É costume dizer-se que a nossa Régua aceita qualquer espécie de bênção que lhe caia do céu. Incapaz de a promover com o mínimo esforço, aceita-a de boa mente. É crível que a aceite por delicadeza para não desfeitear quem a beneficia sem ser rogado nem importunado. É cortês com o céu — se entendermos por céu os altos poderios. Mas, se os altos poderios, por qualquer espécie de motivo, lhe retiram a bênção, a Régua não se importa. Não mexe um braço para a segurar. É o que se diz da Régua — se atendermos a factos passados.

Parece-nos agora que a nossa Régua, contrariando a sua triste sina de princesa indolente, não está disposta a consentir que a diminuam, desviando para Vila Real a 4.^a *Secção Hidráulica do Douro*. Ainda bem que estás disposta a ser mulher, ó insigne princesa! Ainda bem que te dispões a defender o teu direito. *Secção Hidráulica do Douro* só na Régua pode ter a sua sede. Se houver *Secção Hidráulica do Corgo* ou do *Cabril* — só em Vila Real deverá funcionar.

Não podemos crer que Vila Real, inteligente cabeça do nosso distrito, acalentasse alguma vez o sonho de se apoderar da nossa *Hidráulica*. Bem sabe que só à Régua pertence essa repartição. Sabe que lhe pertence por direito geográfico. Régua, à parte o Porto, é a mais importante povoação ribeirinha do Douro português. Querer tirar-lhe a *Hidráulica* sem lhe secar o rio é tolice que não pode caber na esclarecida cabeça de Vila Real.

Não podemos crer que Vila Real tente enfraquecer-nos, para se robustecer. Se a Régua é um dos seus concelhos, diminuí-lo é diminuir-se a si própria. É sangrar o fígado ou outro órgão vital para nutrir o cérebro. Vila Real é incapaz de semelhante suicídio como

capital do distrito. Como capital da província de Trás-os-Montes e Alto Douro, com o Alto Douro ferido, seria uma boa mãe que trouxesse ao colo um filho moribundo.

Vila Real tem miolos. Tem miolos e tem o senso do ridículo. É incapaz de apadrinhar um disparate. Pegar na *Hidráulica do Douro* e levá-la num andor para Vila Real é disparate maior do que pegar numa figueira, criada à beira de água, e levá-la de rastos para uma sala. Consideremos que Vila Real é a sala de visitas do nosso território.

Vila Real não tem culpa. Há quem a torne a uma instituição chamada interesse particular. Consta-nos que uma cobiça oculta se tem movido para prejudicar a Régua em benefício próprio. Se é verdade, não irá por diante esse desiderato. A Régua, núcleo hidrográfico natural, não poderá ser britado em benefício de Pedro, Sancho ou Martinho. Não consentirá na desintegração, porque resolveu ser mulher sem deixar de ser princesa.

Não é nova a tentativa de nos tirarem a *Hidráulica*. Em 1935, iam-no-la levando, como à *menina* e *moça*, para longes terras. Foi então que uma voz se levantou e disse: *não pode ser*.

Trinta e um anos depois, a voz que se ergueu para acudir à Régua ainda não cansou. Nem debaixo da terra cansará. Régua sem *Hidráulica*? Não pode ser, não pode ser, não pode ser...

Junho de 1966

Pátria Pequena, Régua, 1977, pp. 221-223.

Índice

Introdução	5
VIII [Os pauliteiros de Miranda...]	11
XXVI [Todos os caminhos iam dar à fonte]	12
XXIX [O barbeiro afdalgou-se]	14
LII [Vila Real alegre...]	16
Noites de Verão	17
Recordações de barro – Noite sagrada	21
Praia de trasmontanos	23
Camilo em Trás-os-Montes	27
Em torno do Marão	31
O solar de Mateus	34
Regresso a Vila Real	37
Porque deixei de caçar	41
Sete colheres de açúcar	46
O retrato de Freilão Seide	49
O caso do chapeleiro	52
Camilo em Vila Real	55
Friúme	65
Canelas de Malta	69
Dia e noite	72
Nossa Senhora da Serra	76
Púcaros de Bisalhães	79
Friúme, Samardã e Ovar	82
Carne de açougue	85
Morreu o Padre Luís	88
O testamento do general	91
Testemunho	94
Custódio José Duarte	97

Teatro de amadores	100
As últimas amoreiras	102
Não pode ser.	104

